

DAYA ALVES

Continuarei *AQUI*





COPYRIGHT © 2019 DAYA ALVES
CONTINUAREI AQUI

1º Edição — Brasil
Todos os direitos reservados a Autora.

Produção Editorial

Revisão: ISIE FERNANDES / ROBERTA COSTA

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: BRUNO LIRA

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Alves, Daya;

Continuarei aqui

1. Ed. — São Paulo — SP — The Books, 2019

ISBN: 978-85-54906-96-2

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. B869.3

Todos os direitos reservados a autora e editora.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia dos autores e editora.

Todos os personagens desta obra são fictícios e qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Rua Três 572 - 38.610-000 Santa Luzia

Unaí/MG

Site: www.thebookseditora.com

DAYA ALVES



Continuarei
AQUI

*Dedicado a cada leitor que me incentivou
e pediu essa continuação de meu primeiro
romance o Estarei Aqui.*

Prefácio

Quem já leu *Estarei aqui* sabe que a Paloma Ayres é um tanto quanto atrapalhada, um verdadeiro desastre em pessoa!

Bom, ela teve uma filha!

Ai, Senhor! Tenha piedade de quem irá cuidar dessa criança! Que o anjo da guarda dessa pequena seja valente!

Aí está o problema! Não tem anjo que aguentar cuidar desse mini desastre ambulante, ou melhor, da Ana Rosa. Ou será que quem precisa de cuidados é a Paloma?!

Hum... Vamos descobrir nessa leitura e garantir ótimas risadas. Preparem os corações, pois Paloma e companhia estão de volta, agora com o reforço da pequena Ana Rosa, que é quem nos contará a história, mas terá uma ajudinha!

NAYARA ENCARNAÇÃO

— leitora

A obra “*Continuarei Aqui*”, da escritora Daya Alves, arrebatará o seu coração, lhe proporcionará inúmeras risadas e encantará a todos com uma narrativa fluída. Para quem já era apaixonado pela protagonista Paloma, irá se apaixonar ainda mais pela menina Ana, pois, com toda a sua inocência de criança, ela consegue ter uma inteligência e leitura de mundo que impressiona. Leitor, você irá aquecer o coração com essa história regada de

amor, humor, confusões e uma equipe do SAMU sempre a postos. Pegue a pipoca, o refrigerante e convoque todos os Anjos, Arcanjos, Serafins e Querubins para liberarem o sorriso estampado no rosto!

SIMONE SOARES

— antologista, escritora, leitora beta/ADM do Clube Literário Fer
Avellar e blogueira literária no www.feravellar.blogspot.com.br

Prólogo

Ata de reunião/2017 – AAGC

— **D**eclaro aberta a reunião extraordinária do Conselho Administrativo AAGC de número 37, do ano terrestre de 2019, requerente Gabriel dos Anjos. Solicito que o mesmo exponha o motivo da urgência.

— Eu meee demi-i-iito!

— Ohhh! — Ouve-se um murmúrio geral entre os conselheiros presentes.

— Por favor... Silêncio! O requerente deve expor os motivos.

— E-eu m-me dee-m-mito.

— O senhor está gago? O que aconteceu?

— Re-resultado de-de ser a-anjo da gua-rrda da-a fi-filha daque-quela ma-malu-luca.

— Tudo bem, anjo Gabriel, não pedirei maiores explicações ao senhor, caso contrário, sairemos daqui amanhã, e eu tenho um compromisso importante.

— O-obrigado!

— Com a demissão do sexto anjo, está aberta a vaga para um novo anjo da guarda para a criança Ana Rosa, a filha de Paloma Ayres. Quem se habilita?

Silêncio... Nem um barulho de respiração se ouvia no ambiente...

— Vou perguntar novamente: alguém se habilita? Ou eu mesmo

escolherei.

Várias vozes começam a se levantar ao mesmo tempo, em protestos.

— O anjo número 1 até hoje não se recuperou de sua asa quebrada, por ter salvado a pobre menina quando ainda era uma bebê e aquela doida deixou o carrinho sem o freio preso em uma descida. O pobre foi arrastado por uns 300 metros, e ela nem percebeu.

— E o anjo 2 está tomando ervas medicinais por ter ficado com problemas nos nervos.

— Sim, e quantas vezes tive que tirar a pobre da criança da esteira do supermercado quando ela confundia o bebê com os produtos — O Anjo três diz.

— A moça é muito atrapalhada, eu não sei como aquele rapaz latino consegue conviver com ela e ainda ficar ileso.

— Sim, ouvi falar que ela está tendo aulas de direção!

Ouve-se outro “Ohhh...” em uníssono no ambiente. E todos os anjos reclamando e argumentando ao mesmo tempo.

— Vocês não têm coração? Não aprenderam sobre a compaixão na Escola de Anjos? Como essa moça poderá ficar sem um protetor para sua filha, sendo atrapalhada da forma que vocês relatam?

— Aquela mulher é um atentado à humanidade! — O anjo número 4 responde, fazendo com que os outros anjos voltem a se exaltar novamente, buscando argumentos para não aceitarem essa nova missão.

— Chega! Eu me candidato — uma voz, em tom autoritário, se levanta entre as outras.

Outro “Ohhh...” se ouve em uníssono entre os conselheiros presentes.

— Um Querubim da Guarda? É contra as normas celestiais. — É o arcanjo quem diz.

— Não é! Pode olhar no manual do AAGC (Associação dos Anjos da Guarda Celestiais), página 15, resolução 7. Aqui diz: “Se por ordem de desastres naturais, desordem mundial ou incapacidade dos anjos da guarda de assumirem seu posto, será cedido aos querubins o benefício de assumirem o controle da situação e se aproximarem da raça humana”.

— Realmente se trata de um desastre natural aquela moça! — É o Anjo número 5 quem fala, arrancando gargalhadas de todos os conselheiros.

— Silêncio no recinto! Ordem! Desse jeito perderei a final do jogo de *baseball* entre os anjos caídos e os serafins. Vamos votar, quem concorda...

Mesmo antes de ele terminar a frase, todos os anjos já haviam se levantado ao concordar.

— Então, com o poder de arcanjo a mim cedido, eu declaro: por unanimidade, o Querubim presente, por livre e espontânea vontade, será o novo guardião da menina Ana Rosa Ayres. Boa sorte!

— Eu o aconselho a passar no setor de seguros e aumentar a proteção de asas.

Risadas...

— Muito engraçadinho senhor número 5, vou provar a todos vocês o poder de um Querubim. Essa moça só precisa de pulso firme e compreensão!

— Estando acertadas ambas as partes, declaro encerrada a reunião extraordinária.

E foi assim que a menina Ana Rosa Ayres recebeu o benefício de seu sétimo anjo da guarda, e quem conhece sua mãe sabe bem o quanto isso é necessário...

Filha de peixe... peixinho é

CAPÍTULO 1

E tudo começou por causa da
Galinha Pintadinha.

Eu estava em casa, depois de chegar da escolinha, sentada em frente à televisão, assistindo ao meu canal de desenho preferido, quando apareceu aquele monte de bichinhos dançando na TV, me deixando encantada com seu colorido, eu simplesmente adoro a música do Galo Carijó. Corri até meu quartinho e peguei minha popó para dançar comigo. Minha mamusca estava fazendo mil coisas ao mesmo tempo — desde que meu papito viajou para buscar minha vovó lá lonjão, ela vivia triste e cansada. Quem me buscava na creche era sempre o meu papai, enquanto minha mamãe trabalhava com as noivas, um montão delas. O titio Ricky me contou que a empresa dela é a melhor do mundo. Eu adorava ver as noivas quando ela me levava junto, achava os vestidos tão bonitos, pareciam princesas, quando eu crescer vou querer um vestido da cor do arco-íris.

Mamusca estava só me observando enquanto pensava no que fazer para minha comidinha. Era meu papai quem fazia essa parte também, ele dizia que a mamãe e o fogão não se entendiam. Eu, hein?! Quem precisaria se entender com um objeto? Mas eu nem ligava. Quando o papai estava dormindo no emprego, que era muito importante — ele me explicou que salvava um montão de gente dodói —, íamos para a casa da vó Selma e jantávamos lá. A comida da vovó era a melhor do mundo, igual à empresa da mamusca. Só que hoje, quando chegamos lá, já escutamos do portão os gritos dela com o

técnico do freezer, que vivia quebrando.

— Quebrou de novo, tia? — Escutei mamãe perguntar.

— *Humpt* — foi a resposta da vovó, ela estava muito nervosa. Quando eu percebo, já fico quietinha, mas minha mamãe...

— Tia, a senhora tem que comprar um novo, esse freezer já quebrou pelo menos umas cinquenta vezes por não aguentar a quantidade de comida que a senhora estoca nele.

Vovó só olhou por cima dos óculos... oh, oh!

— Se esse moço não fosse tão incompetente e parasse de ficar colocando peças recondicionadas toda vez que ele quebra, eu não precisaria consertar novamente.

— Se a senhora comprar um novo, também não.

Consegui até ver o foguinho saindo das ventas da vovó.

— Olha, Paloma, só não vou responder porque minha netinha linda está do seu lado, mas, para o bem dos ouvidos dela, eu recomendo que você volte numa hora em que eu esteja mais calma, e não querendo enfiar a cabeça de alguém dentro do meu freezer com as comidas estragadas.

Ufa! Mamãe, enfim, percebeu que a coisa era séria, pegou minha mão e saímos, com ela cabisbaixa. Tadinha da mamusca... Era sempre tão incompreendida. Nunca entendi por que a vovó falava que o sobrenome dela era confusão. Ela me olhou e sorriu fingindo estar tudo bem.

Nem chegamos ao portão e o técnico passou por nós correndo, muito assustado, enquanto um monte de comidas caía dele. A vovó apareceu na porta, gritando:

— Volta aqui, que eu vou te fazer engolir esses repolhos podres pra você aprender a consertar um freezer direito!

Nós olhamos e rimos com a cara de espanto do rapaz, mas saímos dali rapidinho também.

Peguei minha popó no quarto, voltei para a sala e fiquei em frente à TV, balançando meu bumbunzinho. Mamusca olhou para mim e sorriu, aí foi que mandei ver no rebolado, o sorriso dela era a coisa mais linda, mas, na parte “Os pintinhos foram correndo pra chamar o seu doutor”, comecei a chorar, porque me lembrei do meu papai. Nessa parte, ele adorava brincar comigo.

Mamusca percebeu, correu para me abraçar e também começou a chorar.

Fiquei coladinha nela até a saudade passar, as musiquinhas iam tocando e mamãe começou a dançar comigo, imitando todos os sons dos bichinhos. Estava muito divertido e eu ri bastante, mas então ela parou de repente, olhou no relógio e se assustou.

— Ai, meu Deus! Já está tarde, e eu não faço a mínima ideia do que vou te dar para jantar — mamãe falou e resolveu ir atrás do celular. — Acho melhor eu não inventar de fazer nada, se acontecer algo com seu pai viajando, tia Selma vai fazer picadinho de mim. Mas aonde será que foi parar meu celular? — Enquanto ela procurava o aparelho, que vivia sumindo ou quebrado, eu fiquei quietinha imaginando como a vovó faria esse picadinho da minha mamãe.

A campainha tocou, e quando a minha mãe abriu a porta, era a Fabiana Lambisgoia. Achava muito engraçado o nome dela, e a mamusca me dava bronca toda vez que eu dizia essa palavra difícil. Ela dizia que crianças não devem pronunciar essas coisas, eu realmente não conseguia entender esses adultos.

Eles se mudaram para o nosso prédio quando as gêmeas deles nasceram, eu ainda era bebezinha, mas sabia que meu papai e a mamusca não gostavam deles, e eu também não gostava de brincar com as meninas no parquinho do prédio, elas ficavam puxando meu cabelo e a mamãe ficava muito brava.

— Fabiana? Boa noite — mamãe disse, surpresa.

— Eu vim te fazer uma proposta — a Fabiana já foi dizendo, sem responder ao boa-noite.

— Pode ser outra hora? Está tarde e eu estou muito ocupada com o jantar da Aninha.

— É rápido, eu quero que você organize a festa de aniversário de três anos das gêmeas.

— Aniversário? Mas eu organizo casamentos e não aniversários.

— Que seja, festa é festa.

— Sim, Fabiana, e contatos de empresas da área, decoração, etc. E eu não tenho nada disso.

— Mas você organiza todas as festas da sua filha. Por que não pode

organizar a das minhas filhas?

— Simples, porque as festas da minha filha eu faço do meu jeito, e sempre são festas de família. Além do mais, estou sem tempo, minha agenda está cheia.

— Bem que eu falei para o Cadu que você não iria aceitar, tinha certeza de que ainda guarda mágoas por ter sido trocada.

— Não é nada disso, estou muito bem casada e feliz, não sinto nada por vocês, nem amizade.

— Você não tem coração? A organizadora me abandonou, e o aniversário da Leopoldina e da Domitila será no próximo mês, e eu simplesmente não posso perder meu tempo com coisas banais.

Nossa, isso ia longe... Mamusca tentou fechar a porta, dizendo estar preocupada com minha janta, e a Fabiana continuou apelando.

Foi aí que tive uma ideia genial para ajudar minha mamãe. Eu fui preparar o jantar. Quando ela conseguisse se livrar da mãe chata das gêmeas, meu papá já estaria pronto.

Abri a geladeira e vi um monte de verdinho, cenourinha, maçã e uva. Humm... ia ficar uma delícia.

Tentei alcançar o aparelho que rodava e que tinha um vidro na porta, mas, não consegui. Fui até o banheiro, peguei o meu banquinho que uso para escovar meus dentinhos e o arrastei para nossa cozinha. Mamãe ainda estava tentando fechar a porta. Minha popó estava caída no chão, e então tive a melhor ideia de todas. Eu faria comida igual à vovó Selma. Peguei uma vasilha de plástico, joguei dentro dela tudo que peguei na geladeira, coloquei água, sal, açúcar, *Nescau* e, para finalizar, a minha popó. Fiquei com um pouco de dó dela, porque eu gostava bastantão da minha boneca, mas, se fosse para deixar minha mamusca feliz, valeria a pena. Depois eu pediria para a vovó Ana costurar minha popó para mim.

A vasilha ficou bem pesada, quase derrubei tudo enquanto subia no banquinho para colocar o papá no micro-ondas. Fechei a porta e nada. Vi um botão redondo, grande, e o apertei contando os números que aprendi na escolinha: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. Pronto, a luz acendeu de repente e o prato começou a girar. Era engraçado ver minha popó rodando lá dentro. Eu era muito esperta mesmo.

A música do Galo Carijó começou de novo e eu corri para a sala. Estava ansiosa para a surpresa que faria à mamãe, ela continuava na porta discutindo com a mãe das gêmeas, mas aí um barulho muito estranho começou a sair da cozinha. Fiquei com muito medo e fui até a porta para pedir colo à minha mamusca, que também se assustou com o barulho. Quando, de repente, “Bum!!!!”, um barulhão, fumaça e cheiro de queimado começaram a sair da nossa cozinha. Eu abri a boca para chorar, a Fabiana gritou “Fogo!” e foi aí que se iniciou a maior confusão.

Minha mamusca ficou perdidinha, coitada, sem saber o que fazer. Então, como todos do prédio saíram correndo pelas escadas, gritando socorro, ela me agarrou forte no colo e correu também.

Mamãe foi falando que estava tudo bem, mas eu não conseguia parar de chorar. Chegamos rapidão à rua, tinha um monte de gente desesperada, outras pessoas chorando, de pijama, de toalha e até a loira, de que a mamãe não gostava, só de calcinha e camiseta. Todos falavam ao mesmo tempo e não dava para entender nada. Até quando os bombeiros chegaram foi difícil de eles entenderem. Uns gritavam “Fogo!”, outros gritavam “Explosão!”, “Terremoto!”, e eu chorava mais ainda. Os bombeiros perguntaram onde tudo começou e os vizinhos apontaram para minha mamãe, que quase se escondeu atrás de mim. Ela falou o número do apartamento e depois os bombeiros correram para o interior do prédio.

Tadinha da minha mamãe, as pessoas eram muito chatas com ela. Ficavam apontando o dedo e dizendo que sabiam que um dia ela botaria fogo no prédio. Eu, hein?! Esses adultos eram mesmo muito estranhos.

Minha barriguinha já estava roncando quando os bombeiros desceram, dizendo que já estava tudo sob controle, que o fogo não se espalhou e que os moradores já podiam retornar para seus apartamentos.

— Menos a senhorita. — Escutei o bombeiro falar para minha mãe, que já estava a caminho do prédio.

— Minha filha está cansada e faminta, não posso ficar na rua.

— Foi encontrado um objeto não identificado na cozinha e tivemos que acionar a perícia para investigar a origem. Isso sem contar o cheiro forte que se encontra em seu apartamento. Então, para sua segurança e da menina, é melhor procurar a casa de algum parente por essa noite.

— Para a segurança de todos nós! — Alguém gritou antes de entrar no prédio.

— Ela deveria ser expulsa do condomínio! — Outra pessoa reclamou.

— Oh, oh!

Todos os moradores voltaram a reclamar ao mesmo tempo, apontando para minha mamusca. Aí vi os olhinhos dela se encherem de água, enquanto ela tentava segurar o choro sem conseguir.

E agora... quem poderia nos ajudar?

Estarei Aqui

CAPÍTULO 2

Mal cheguei e já me deparei com uma tremenda confusão. O alarme de perigo de minha protegida não parou de tocar um segundo sequer enquanto eu fazia minha viagem para o plano terrestre, achei que chegaria tarde demais, e por mais um segundo tudo estaria perdido. Foi só o tempo de eu dar um susto na menina para fazê-la correr, um empurrão na mãe, que parecia ter entrado em estado de choque, e ajudar muitas senhoras idosas que tentavam correr pelas escadarias do prédio.

Não tinha planos de usar minha forma humana tão cedo, mas, ao ver tantas pessoas atacando a moça enquanto ela chorava desprotegida, acabei por infringir mais uma das regras celestiais e parti em sua ajuda.

— Posso ajudar, mocinha? — perguntei para a menina Ana assim que ela indagou sobre quem iria ajudá-las. Ao me ver, arregalou seus olhinhos castanhos de forma perspicaz, analisando se poderia confiar em mim. Pelo jeito, em sua intuição infantil, sua avaliação era positiva, pois logo chamava sua mãe, levantando o rosto dela de forma carinhosa com suas mãozinhas gorduchas.

— Obrigada, minha senhora, mas o dia hoje não está nada fácil e não há nada que a senhora possa fazer para nos ajudar. — A mãe da menina respondeu tristemente, em seu semblante caído, e fez minha determinação vir à tona.

— Olha... não há nada que um chá com bolinhos não resolva. —

Peguei-me respondendo e infringindo mais uma regra.

— Vamos, mamãe, minha barriguinha não aguenta mais de fome — Ana pediu, deixando sua mãe sem a opção de negar. Ela me olhou, ainda em dúvida se deveria confiar na inesperada ajuda, e acabou aceitando, talvez, por falta de opção.

A casa providenciada ficava bem ao lado do prédio onde elas moravam. Uma casinha de cor amarela, bem simples e acolhedora, com um pequeno quintal florido na frente.

— Eu sempre tive curiosidade de saber quem morava nessa casa, parece com as casinhas da cidade onde nasci.

— Eu acabei de alugar. Cheguei de fora há pouco tempo.

— Fora do Brasil? — Paloma perguntou, me deixando numa enrascada, pois, devido à urgência da chamada, não tive tempo para elaborar um plano de ação.

— Digamos que sim.

— Você vem da América Latina? Que máximo! Meu marido Enrico é da Venezuela, ele está por lá neste momento.

— O que seu marido foi fazer lá? Não é o país que enfrenta uma grave crise econômica? — Sabia bem a resposta, mas encontrei um jeito de desviar do assunto “de onde eu vim”.

— Justamente, ele foi ajudar o pai a trazer todos aqui para o Brasil. Minha sogra Ana não queria abandonar o seu lar, mas estava muito difícil até de conseguir comida, mesmo com toda a ajuda que nós mandamos.

— Que pena, um país tão lindo.

— Sim, uma pena, conheci um pouco antes de ter a Ana, foi inesquecível para mim. Foi lá que fui pedida em casamento.

— Me conte mais, adoro ouvir histórias de amor... Espere nem me apresentei... me chamo Bina — informei, enquanto as convidava para se sentarem à pequena mesa da cozinha.

— Prazer, me chamo Paloma, e essa é minha filha, Ana Rosa. Ana, diga oi para a dona Bina.

— Oi. Cadê os bolinhos?

— Que modos são esses, Ana?

— É que minha rabiga está roncando.

— Barriga, Ana!

— Tudo bem, ela deve estar cansada mesmo, e faminta. Vou providenciar o lanche e já volto — disse, achando graça do jeito da criança.

Enquanto preparava o chá e os bolinhos, Paloma embalava a filha no colo, brincando de forma carinhosa, distraindo a garotinha que não parava de reclamar de fome. Era bonito assistir tanto carinho, apesar da tristeza que sentia pesar sobre os ombros daquela mãe.

— Ela sempre troca as palavras? — perguntei quando me aproximei com o chá, tentando aliviar a tensão dela.

— Não, só de vez em quando, a fluência dela é ótima para a idade, acredito que já nasceu falando. Mas, às vezes, quando ela está ansiosa, troca algumas palavras.

— Mas agora vou ficar bem quietinha comendo esse bolinho que parece estar uma delícia. — A menina disse, arrancando risadas nossas, mas ainda levou uma pequena reprimenda da mãe, dizendo que ela deveria lavar as mãos antes e esperar a anfitriã oferecer.

Um pequeno barulho acompanhado de um “oh, oh” veio do lavabo aonde Ana foi. Ela voltou chorosa com o frasco de sabonete líquido quebrado pingando por todo o caminho.

— Me desculpa, tia, foi sem querer.

— Mas, Ana, o que você aprontou agora? — Paloma se levantou para socorrer a menina, temendo que ela se cortasse com o frasco.

— Tudo bem. — Eu interrompi. — Não se preocupe, é só um sabonete, deixe que eu resolvo enquanto vocês se alimentam.

A menina estava realmente faminta, devorou tudo o que coloquei na mesa. Notei que sua mãe só beliscava os alimentos. Algo muito errado estava acontecendo com ela.

— O lanche não está de seu agrado? Quer que eu prepare algo diferente?

— Não, de forma alguma! Está tudo uma delícia. Eu estou sem fome mesmo, deve ter sido pela tensão do dia.

— Sim, não deve ter sido um dia fácil, mas barriga vazia não a ajudará a resolver seus problemas.

— *Humpf*. — Foi a resposta dela, um suspiro cansado, como se o mundo estivesse pesado demais para ela.

Aproximei-me, toquei suas costas.

— Você quer conversar?

— Obrigada, mas não quero te incomodar com meus problemas, a senhora já fez muito por nós hoje.

— Minha filha, falar ajuda, e não fiz nada de mais, além de ceder um pouco de meu tempo. Sabe, desde que cheguei nesta cidade, não fiz amizades. Estou adorando conhecer você e sua pequena. — A menina, após comer três bolinhos e tomar uma xícara de leite, estava adormecida no colo da mãe.

— Sou muito grata pelo que a senhora fez por nós hoje. É tão difícil encontrar pessoas dispostas a ajudar nesses dias de tanto egoísmo. Principalmente com a minha má fama.

— Como assim? Uma moça tão amorosa e simpática. Todos ao seu redor devem amá-la e se preocupar com você.

— Sim, tenho a melhor família e amigos que uma pessoa pode ter, mas, ainda sim, me sinto perdida. Às vezes me sinto um barquinho de papel à deriva no mar durante em uma tempestade.

— A pressão tem sido demais para você?

— Não, ninguém me pressiona, eu que me cobro o tempo todo. Eu tenho tudo o que sempre almejei na vida: um marido maravilhoso que me ajuda e apoia, uma filha linda e saudável, sucesso profissional... Além de pessoas muito importantes ao meu lado.

— Então eu não consigo entender onde está seu problema.

— O problema está em mim mesma, na minha cobrança em ser perfeita, em não decepcionar ninguém. Vivo pisando em ovos para não me enfiar em nenhuma encrenca, e, quando percebo, já fui a responsável por um desastre total.

— Você não foi a responsável pelo que aconteceu hoje, não se martirize desta forma.

— Não diretamente, mas sou responsável por minha filha. Ela ficou sozinha, tantas coisas poderiam ter acontecido... eu não posso me perdoar. Imagina quando minha família souber de tudo... Como vou explicar? Sempre sou culpada por diversas confusões, ninguém vai acreditar em mim.

— Não se julgue tanto, minha querida, as mulheres dos dias modernos têm muitas atribuições e tentam sempre dar o seu melhor, mas são somente humanas e imperfeitas, e caso ache que a demanda está demais, peça ajuda, converse. Quem a ama irá compreender.

— Meu marido me ajuda demais, tenho o apoio de minha tia, meus amigos e até meus sócios entendem. A questão é que todos colaboram por medo do que eu possa fazer, sou um desastre total, e eles ficam se antecipando para nada acontecer. E eu me sinto péssima por isso, queria ser uma mãe exemplar para minha filha, dar conta da demanda que uma criança exige, sem correr riscos. Meu marido também merece uma esposa à altura dele, ele seria o homem perfeito se não fosse a teimosia em pessoa. Me sinto tão inferior a ele, e a última coisa que quero é ser trocada por alguém que não apronte tanto.

— Minha menina, garanto que todos querem o seu bem. Fazem o que fazem por amor, não se cobre tanto, deixe esse barquinho fluir remando a favor das ondas. — Aproveitei e segurei sua mão transmitindo apoio e carinho.

— Obrigada. Sabe, suas palavras me fizeram lembrar de um amigo muito querido que partiu há um tempo.

— Como se chamava o seu amigo?

— Senhor Ângelo, sinto tanto a falta dele.

— O que aconteceu com ele?

— Ele partiu para um lugar muito distante. — Percebi que ela não queria se explicar mais e não a forcei, afinal de contas, todos temos segredos.

— Bem, se quiser me aceitar como sua nova amiga, sempre estarei aqui, ao seu dispor.

E estaria mesmo, afinal, era a guardiã de sua filha e agora acabara de infringir mais uma regra celestial me apegando a essa moça Paloma. Não sabia se fora sua vulnerabilidade, seu carisma, mas era impossível não a amar, e por isso me sentia ainda mais determinada em ajudar.

Ao fundo tocavam trombetas celestiais e o mais puro amor invadia aquele lar. Paloma se sentia mais leve e um sorriso lindo aflorou em sua face. Aninha dormia como um anjinho e também sorria parecendo sonhar com o paraíso. Amanhã o dia seria diferente!

Lar doce lar

CAPÍTULO 3

Enrico

Estava contando as horas para ver minha maluquinha e a Ana Rosa, havia vários dias que não as via. A temporada em minha terra natal acabou se estendendo mais do que o previsto. Ao chegar em Isla Margarita, para buscar *mi madre*, me deparei com um cenário desolador. Faltava desde o básico, como alimentos, até produtos de higiene e medicamentos, todos os suprimentos que levei não foram suficientes nem para o começo. Ver minha família, amigos de infância e vizinhos passando tantas necessidades aflorou meu lado mais humanitário e precisei prolongar minha estadia por lá. *Mi madre* já havia transformado seu lar em uma espécie de base comunitária com a ajuda de meu irmão Paolo, recém-formado em medicina, mas desempregado. Aliás, emprego, que sempre foi difícil, tornou-se escasso. Eles estavam sobrevivendo à base do escambo e da comunhão, essa parte foi bonita de ver, como uma comunidade consegue se apoiar em tempos de crise.

Passei dias ajudando em plantações que surgiram para suprir a fome e cuidando dos muitos doentes. Tive que aprender com uma tribo indígena os mais diversos tipos de infusões e emplastros devido à escassez dos medicamentos. Foi uma luta conseguir convencer *mi madre* a abandonar seu lar, mas a situação se tornou insustentável, não podíamos mais deixá-la sozinha em sua terra ou privar toda a nossa família de tentar ganhar a vida de forma honesta. Como os negócios de meu pai eram no Brasil, meus irmãos, suas esposas e filhos conseguiram embarcar antes do fechamento do aeroporto internacional. José acabou ficando preso na cidade, preocupado em deixar Ana sozinha, assim como eu. Tivemos que viajar quilômetros e mais

quilômetros de carro para conseguirmos chegar à fronteira com o Brasil. Outra dificuldade foi encontrar um carro grande o bastante para caber Ana, José, Paolo, sua noiva, a mãe dela, a irmã pequena e ainda todas as coisas de *Madrecita*.

Consegui, com alguns amigos de infância, uma Kombi caindo aos pedaços, e foi um verdadeiro rally andar pelas estradas malconservadas com um carro velho carregado de gente e pertences. Se não fosse pelo conhecimento de José, também teríamos ficado presos na fronteira com o Brasil, tamanho o número de pessoas tentando sair da Venezuela em busca de melhores condições de vida. Durante o trajeto, tive que passar por cima da vontade de ajudar tantas pessoas necessitadas pelo caminho, caso contrário, nunca chegaríamos a Roraima, pois nossas reservas já estavam acabando.

Em terras brasileiras, a ansiedade associada ao cansaço, à fome e à saudade estava incontrollável, esperar por um voo com destino a São Paulo foi uma verdadeira tortura. Na última vez em que falei com Paloma, ela parecia exausta. Tentava esconder dizendo que estava tudo bem, mas há algum tempo eu vinha percebendo seu distanciamento e medo de fazer algo errado em relação à nossa filha, mesmo sendo a melhor mãe que uma criança poderia ter. Assim que chegasse em nosso lar, primeiro mataria essa saudade que me corroía e a encheria de amor, e depois a convenceria a procurar uma terapeuta para buscar entendimento do que pudesse estar acontecendo com seus sentimentos, pois minha maluquinha era perfeita do jeito que era.

As quatro horas que passei dentro do avião poderiam ter sido usadas para, enfim, descansar da cansativa viagem, mas a mãe e a irmã de Nina não paravam de chorar de medo, ficaram agitadas, e para piorar a tripulação não entendia o linguajar rústico delas, o que causou o maior alvoroço desde o momento em que decolamos até a aterrissagem. Em terras paulistas, não conseguimos contato com meus irmãos porque todos nós estávamos com os celulares descarregados, e arrumar um táxi para casa com tantas malas e pessoas tornou-se quase tão difícil quanto nossa viagem pela Venezuela. Já era madrugada quando finalmente cheguei ao meu lar, depois de deixá-los na casa de meu pai, sob protestos de *mi madre*, que dizia estar tarde e que estávamos em um lugar perigoso. Vai entender as mães, quase tive que arrancá-la à força de um país que estava enfrentando todo tipo de violência, e ela com medo que um homem maduro, como eu, andasse por São Paulo.

O porteiro cochilava e nem me viu passar pela portaria. O elevador

nunca me pareceu tão lento enquanto subia ao sexto andar, onde moro com minha esposa e a riqueza de minha filha. Não sabia dizer qual necessidade era maior, se a fome, o cansaço, a sede, a vontade de me enfiar embaixo de um chuveiro ou de ter minha mulher em meus braços. Somente quando estamos à mercê de viver sob tamanhas necessidades nos damos conta do quanto devemos valorizar as pequenas coisas. Se todo ser humano soubesse como existiam pessoas sofrendo ao redor do mundo, não faltaria compaixão.

A porta do elevador se abriu e um frio subiu pela minha espinha ao ver uma fita amarela e preta isolando a porta de minha casa. Avancei e a arranquei com o coração na boca, não sei como consegui colocar a chave na fechadura de tanto que minhas mãos tremiam. Ao abrir a porta, me deparei com um cenário de guerra, todo nosso apartamento estava muito bagunçado. A cozinha com uma sujeira gosmenta grudada em todas as partes, no lugar onde o micro-ondas ficava tinha um buraco e o cheiro de fumaça estava muito forte. Saí à procura de minha esposa pelos cômodos, em total desespero, e não as encontrei em lugar algum. Um medo aterrorizante tomou conta de mim, minha cabeça desenhava os piores cenários. Enquanto socorrista do SAMU, já havia presenciado muitas vidas se perderem por causa de fogo ou inalação de fumaça, imaginar o que poderia ter acontecido com elas me apavorava.

Desci os seis lances de escada correndo, tamanha a impaciência por notícias delas. O porteiro acordou em um pulo quando o puxei pelo colarinho buscando respostas. Para meu desespero, ele nada sabia e ainda teve a audácia de dizer que minha esposa foi a culpada por quase ter colocado fogo no prédio inteiro e que, na última vez em que a tinha visto, ela estava sob os cuidados dos bombeiros. Bati de porta em porta no prédio, sem me importar com o avanço das horas, atrás de alguém que soubesse de alguma notícia do paradeiro delas. Só recebi xingos e reclamações e ainda tive que me segurar para não socar a cara de meia dúzia de pessoas, que culpavam minha Paloma de ser um desastre ambulante.

Sem sucesso, resolvi ligar para Selma, mas o telefone tocava e ninguém atendia. Meu pavor se tornou ainda maior, resolvi ir diretamente até lá, não tinha táxi e muito menos condução àquela hora da noite, e quem me visse correndo como um louco pelas ruas do bairro haveria de pensar que eu estava maluco. Foi o que a Selma pensou quando me viu invadir sua casa à procura de minha família, e ela acabou se juntando ao meu desespero depois de saber

do ocorrido e imaginar o que poderia ter acontecido à sua sobrinha e à neta, já que não tinha noção de onde estavam.

Na mesma hora ela pegou o telefone, ligou para seu namorado policial e, em menos de vinte minutos, uma viatura chegou para tentar me ajudar a procurá-las.

Procuramos em hotéis, hospitais, rodeamos todas as ruas do bairro, ligamos para todos os amigos e familiares... e nem sinal delas.

Pela manhã, após percorrer toda uma madrugada, voltei para a casa da Selma, que parecia uma central de notícias. *Mi madre* chorava copiosamente abraçada ao meu pai, meus irmãos e suas esposas confabulavam sobre o que poderia ter ocorrido, Selma ameaçava todos os policiais cada vez que um chegava sem notícias, os sócios de Paloma vasculhavam a internet em busca de alguma notícia e o Ricky tentava controlar a todos. A casa estava uma cacofonia de vozes e idiomas difícil de suportar.

— Mas você já tentou no celular dela? — Era Ricky quem perguntava, pela quinta vez em meia hora, nem ânimo para responder eu tinha mais.

— E você acha que já não tentamos? O Enrico já respondeu que só dá caixa postal! Pergunte isso novamente e farei você engolir uma cebola roxa! — Selma estava mais nervosa a cada minuto que passava.

— Não é possível, ninguém desaparece assim do nada! Será que não a sequestraram? — Foi o senhor José, meu pai, quem falou dessa vez, me levando a desabar em um canto e me entregar à exaustão por não saber mais o que pensar.

Ana Rosa

Acordei mamãe, que estava babando e roncando no sofá. Tadinha, devia estar muito cansada mesmo. Eu a escutei chorando baixinho de noite outra vez, devia ser de saudade do Papito.

Dona Bina foi tão boazinha com a gente, sempre que eu chegava perto dela, parecia que via um monte de luzinhas ao seu redor e me sentia tão feliz, mamusca também. Por isso, depois de comer os bolinhos deliciosos dela no café da manhã, não resisti e perguntei se poderia ir visitá-la todos os dias, e ela disse que sim, ninguém resistia aos meus encantos, mesmo que eu tenha

quebrado a saboneteira, manchado seu sofá com Nescau e puxado o rabo do gato dela.

— Vamos, Aninha, até a casa da tia Selma buscar umas roupas, já que nosso apartamento está interditado. — Uau, que palavra legal!

— O que é interditado, mamusca?

— Significa que está proibido entrar lá.

— Eu quero a minha popó e minhas bonecas. — Comecei a chorar, imaginando todos os meus bonecos sozinhos lá para sempre.

— Não chore, minha pequena, é só por um tempo. Logo, logo voltaremos para nosso lar.

— Mas, mamãe, como o papito vai achar a gente quando voltar de viagem, se a casa está interditada? — Fiquei muito preocupada de meu pai se perder da gente, e também, agora que aprendi esta palavra vou usá-la toda hora.

— Com sorte, o Enrico chegará somente depois de eu ter consertado toda essa confusão.

E por falar em confusão... Oh, oh!

Na porta da casa da vovó Selma tinha três carros da Polícia e uma ambulância igualzinha à do trabalho do papito. Os vizinhos iam olhando para nós desconfiados, e quando abrimos a porta da casa da vovó... Oh, oh!

Tinha um montão de gente, todo mundo correu para me pegar no colo, uns gritavam com a mamãe, outros choravam, tinha até um povo falando a língua da Vó Ana. E de novo, mamãe começou a chorar.

— Parem! Com certeza a Paloma tem uma explicação para tudo isso, não a deixem mais nervosa. — Foi papito que veio ao nosso encontro, bem mais magro, e parecia cansado. Ele abraçou a mamãe, deu um beijo tão gostoso na minha cabeça e ficou dengando a gente.

— O que aconteceu, *mi amor*? Eu fiquei desesperado, não sabia mais o que pensar.

— Interditado! — Resolvi falar minha nova palavra preferida e consegui a atenção de todo mundo. — A culpa não foi da mamusca, ela tava conversando, eu fui fazer o papá sozinha e... pummm! Foi tudão pelos ares. Os homens de vermelho chegaram e falaram “Tá interditado.” — imitei a voz

grossa deles e comecei a rir sozinha. — Depois fomos para uma casa cheia de luzes, de uma senhora que a gente nem conhecia. Ela fez chá com bolinhos para mim, enquanto a mamãe dormia feito uma pedra no sofá. Oh, oh... — Eles estavam com a boca aberta olhando para mim, e a mamãe chorando de novo. Acho que falei demais.

Molho de Tomate

CAPÍTULO 4

— **P**ronto, agora vocês já sabem que foi apenas mais uma trapalhada de minha sobrinha, e elas estão bem, bora trabalhar e cuidar de suas vidas. — Vi Vó Selma esbravejar e colocar todo mundo para correr.

Fiquei quietinha, afinal, era muito esperta..., enquanto observava vovó se aproximar. Achei que ela fosse dar a maior bronca, mas vovó abraçou a minha mamusca, beijou a bochecha dela e disse com sua voz grossa: — Se eu não estivesse tão feliz agora por não ter acontecido nada com vocês, iria te colocar de castigo, descascando todas as batatas para a festa de amanhã! — Arghh, ninguém merece esse castigo! Vovó se afastou prometendo que na hora certa cobraria caro pelo susto que levou.

Corri para o antigo quarto da mamusca e peguei uma boneca da coleção dela para brincar. Ela me deu uma bronca, dizendo para eu não estragar o que ela tinha guardado para mim por tantos anos.

— Cuidado com minhas bonecas!

— Mas se a senhora guardou pra mim, e eu já estou aqui, elas não seriam minhas? — Papai soltou uma gargalhada e veio me pegar no colo novamente.

— Como eu estava com saudades das suas artes. — Ele me deu outro beijo. — Mas você não pode responder a mamãe assim! Quando ela falar para você não mexer em algo, não desobedeça, ok? — Balancei a cabeça concordando, afinal, ele era igual a mim, ninguém resistia ao charme dele.

O restante do dia foi bem legal. Comi um montão, a Vovó Selma era a

melhor cozinheira de todas, depois tirei uma sonequinha e sonhei que uma cegonha entregava um menino bem chato para minha mamãe. Acordei bem brava. Deixa só essa dona cegonha aparecer por aqui, que vou arrancar as penas dela!

Papai e mamãe estavam em um chamego só, eles eram tão lindos de se olhar. Peguei minha boneca... ops, a boneca da mamãe, que ela guardou para mim, mas que ainda não era minha, mas um dia seria, se eu não estivesse tão velhinha que não a quisesse mais! Viu só como esses adultos são confusos! Fiquei brincando com ela até depois do jantar, e finalmente tudo parecia calmo, mesmo estando com muita saudade do nosso lar. No dia seguinte, já poderíamos voltar para casa, se os bombeiros deixassem.

De noite, fomos dormir todos juntos no antigo quarto da mamãe. Eu adorava dormir com eles, principalmente quando percebia que eles estavam coladinhos, aí me enfiava bem no meio deles, para ficar de olho se eles ligariam para a Dona Cegonha, eu era realmente muito esperta.

Mas teve uma hora que me encostei no papai e ele estava muito, mas muito quente. Eu cutuquei sua barriga e ele não acordou, até gemeu baixinho. Chamei a mamãe, que não acordava e roncava do meu lado. Fui na pontinha dos pés chamar a vó Selma, que também não acordou e também roncava alto, então tive uma ideia. Liguei para o serviço do papai. Eu já tinha decorado o número, porque via toda hora no macacão laranja dele. Quando a tia atendeu, nem precisei explicar nada, a moça já falou: “Meu Deus! Confusão na casa da Paloma novamente! Ambulância a caminho”. Eu, hein, acho que a tia tinha uma bola de cristal lá.

Sentei na sala e fiquei esperando. Os amigos do papai chegaram rapidão, fui eu quem abriu a porta para eles.

— Meu papai tá lá no quarto, ele tá muuuito quente.

— Onde está sua mãe? — Os amigos de laranja do papai perguntaram.

— Tá do lado dele, mas parece que morreu, porque chamei, chamei... e ela não acordou. — Os homens saíram correndo na direção do quarto. Mamusca finalmente abriu os olhos, muito assustada, quando a equipe invadiu o quarto, foi até engraçado. Em seguida foi a vó Selma que, com o cabelo todo bagunçado, chegou já dando bronca em todo mundo, mas o papai continuava quieto.

— Enrico, meu amigo, acorde! — Um alvoroço se formou ao redor dele, os médicos pegaram alguns materiais na maleta e ficaram examinando o papai. Eu comecei a perceber que tinha algo muito sério acontecendo e fui para o colo da mamãe, que assistia a tudo já chorando, sem poder fazer nada, até a vovó estava quieta.

— A febre dele está muito alta, acho melhor levá-lo para o hospital. — Eu comecei a chorar também, o bombeiro se aproximou de mim. — Não chore, minha pequena, você foi muito esperta hoje, é uma heroína. Prometo que cuidarei bem do seu papai e logo ele estará de volta em casa. — Balancei a cabeça concordando enquanto via meu papito ser levado na ambulância em que ele trabalhava.

Mamãe se aproximou, me deu um beijinho, disse que cuidaria do papai, pediu para eu obedecer a tia Selma, disse que me amava e seguiu na ambulância.

Vó Selma me pegou no colo e me levou para dormir com ela, nem me deu bronca por eu ter ligado para o SAMU, fez carinho em mim e cantou uma música de ninar tão linda, até eu, finalmente depois de um dia de *heroia*, dormir com os anjos.

Mamusca chegou cansada e triste de manhãzinha, meu papito ficou internado, pois estava com Sarampo. Ela me explicou que no país dele ninguém toma essa vacina (Aiiii, como eu queria morar lá, detesto agulha!), explicou também que essa doença era muito grave em adultos, por isso ele teria que ficar por alguns dias no hospital, mas que logo, logo meu pai estaria de volta, me senti um pouco mais feliz. Depois do café, ela foi tomar um banho, dizendo estar suja de hospital. Fiquei imaginando que ela deve ter dormido no chão, né? Porque ela vivia me dizendo para eu não andar descalça, que o chão era sujo.

Vovó ligou a TV na Masha e o Urso e pediu para eu ficar quietinha enquanto ela ia para a cozinha preparar algumas comidinhas para o buffet dela. Tive até que aumentar o volume, pois o barulho da batedeira dela não me deixava ouvir nada. Foi quando a campainha tocou uma, duas, três. E como vovó não ouviu, resolvi abrir, porque sou muito esperta. Peguei de novo a cadeira, subi nela, alcancei o chaveiro com minha foto e peguei as chaves para destrancar a porta.

Apareceu uma mulher bem séria, de óculos, com roupa de ir para a

igreja e um monte de pranchetas na mão.

— Bom dia! Você costuma atender sempre à porta de sua casa? — Ela perguntou com cara de brava, e para mostrar que sou muito esperta, resolvi mostrar a ela.

— Qual o seu nome? Minha mamusca disse que eu não devo conversar com estranhos.

— Me chamo Seleucia e preciso falar com a senhora Paloma Ayres. — Comecei a rir do nome engraçada dela, mas não iria chamar minha mamusca, pois ela precisava tirar a sujeira do corpo para não ficar doente também.

— Olha, minha mamãe não está.

— E você está sozinha em casa?

— Claro que não! Estou com minha vovó, que é muito brava, e é capaz de ela fazer picadinho de mim, igual ela disse para o homem que consertava o freezer dela, se eu for atrapalhar seu trabalho. — Ela me olhou espantada e anotou alguma coisa no caderno, eu fiquei rindo escondido da cara dela.

— Que horas eu posso falar com seus pais?

— Hum, não sei, meu papai e minha mamãe são muito ocupados.

— Então eu vou até o apartamento de vocês, tentar localizar seu pai.

— Nada disso, os bombeiros falaram que lá está interditado por causa do fogo que aconteceu ontem, quando eu fui fazer o papá!

— Você faz comida na sua casa? — Ela estava até com os olhos arregalados enquanto continuava anotando tudo no caderno.

— Não, né? Só ontem, porque eu estava com muita fome e minha mamãe estava brigando com a Fabiana Lambisgoia na porta, porque as gêmeas chatas dela puxam meu cabelo quando brincamos no parquinho do prédio.

— Você apanha de outras crianças?

— Não mais, porque a vovó Selma, que gosta de fazer picadinho com as pessoas, me ensinou a bater de volta, e agora eu mordo quando elas tentam me bater.

— Meu Deus! — Foi a última coisa que ouvi, antes de bater a porta na cara dela, quando o barulho da cozinha parou.

— Aninha, o que você está fazendo perto desta porta? — Vovó chegou com o avental todo sujo de vermelho, acho que era molho de tomate.

— Nada, titia, eu achei que a campainha estava tocando!

— Mas se tocar, você deve nos chamar, nunca atenda à porta.

Oh, oh... melhor eu ficar quietinha e obedecer. A campainha tocou novamente e a titia correu para abrir xingando, perguntando quem ousava perturbar naquela hora. Ela abriu a porta, a mulher com roupa de igreja estava lá ainda. Ela olhou para o corpo da titia todo vermelho, arregalou os olhos e saiu correndo.

Titia ainda gritou:

— Eu já avisei que não atendo fornecedores em minha casa, se quiser, tem que passar no meu escritório!

Mas acho que a mulher nem ouviu, ela correu tão rápido que saiu tropeçando nos saltos dos sapatos dela.

— Por que a senhora está nervosa agora, titia? — Mamusca perguntou depois de sair do banheiro, ainda secando os cabelos.

— Oras, já avisei que não recebo fornecedores aqui em casa, só no meu escritório!

— E a senhora por acaso tem um?

— Não, mas eles não precisam saber!

— Titia, já conversamos sobre isso, a senhora precisa se modernizar, não pode continuar trabalhando de forma amadora, precisa ampliar seu negócio!

Oh, oh! Vi até as fumacinhas saírem da cabeça da vovó.

— E eu já te falei que não preciso de modernidade nenhuma, eu já não dou conta de atender tantos clientes, imagina se ampliar alguma coisa. E minha clientela até hoje nunca reclamou de eu não ser moderna, e todos ainda seguem indicando meu serviço.

Elas começaram a falar sem parar, mamusca realmente não sabia ficar quieta. Quando a campainha voltou a tocar. Dessa vez, quem foi abri-la foi a mamãe.

— Dona Bina! — Saí correndo para abraçá-la.

— Que surpresa agradável, dona Bina! A senhora quer entrar? — Mamãe que perguntou.

— Eu não sabia que a senhora conhecia onde eu moro — falei para a dona Bina, que deu uma tossezinha quando eu perguntei.

— Foi o porteiro do prédio de vocês, disse a eles ser uma parente e ele me passou o endereço de vocês sem pestanejar.

— Eita, se o papito ficar sabendo, vai fazer picadinho dele!

— Ana! — Mamusca e vovó falaram ao mesmo tempo, espantadas com o que eu disse.

— Não se pode falar essas coisas, Ana, não é apropriado para uma criança — Mamãe me repreendeu de forma carinhosa.

— Entendi. Então só os adultos podem? Porque a vovó diz isso o tempo todo. — Mamãe olhou bem feio para a vovó, que fingiu estar espantando alguma mosca da sala, como se estivesse segurando o riso.

— Os adultos dizem isso no sentido figurado, é somente uma forma de expressão que não significa ser real. — Foi dona Bina quem me respondeu de forma educada, enquanto a vovó e a mamãe ficaram discutindo baixinho. — Mas me diga, menina, como estão? Estava preocupada e por isso resolvi vir até aqui. — Ela conseguiu a atenção de mamãe, que a convidou para entrar, finalmente, apresentando a vó Selma e também a chamando para um café.

— Dona Bina, eu estou muito triste. Meu papai está no hospital cheio de pintas, com uma doença muito séria que mata adultos, porque na terra dele ninguém toma vacina. — Hum, me lembrei de algo importante. — Mamãe, a gente pode morar lá?

— Deixar de tomar vacina, não é algo bom, menina, as pessoas podem ficar muito doentes pela falta dela. — Foi dona Bina quem me respondeu, enquanto minha mamãe parecia perdida em pensamentos.

— Sim, Ana, não tomar vacinas é muito ruim. Veja o caso de seu pai, internado por causa do Sarampo e as complicações da doença, quando ele poderia estar aqui conosco.

— Sarampo? Está muito grave? — Dona Bina perguntou.

— Não tenho muitas notícias, o acompanhei durante a noite e vim para casa tomar um banho. Logo votarei para conversar com os médicos, até lá os

resultados de seus exames já devem ter ficado prontos. Aliás, não sei como me dividirei com todos os meus afazeres.

— Se quiser, posso ajudá-las. Não faço nada o dia todo, seria um prazer.

— Imagina, Bina, a senhora já dispôs muito do seu tempo noite passada.

— E posso dispor de mais, afinal, para que servem os amigos? Pode ir tranquila com sua tia visitá-lo, que ficarei aqui de guarda dessa menina fofa.

— Dei uma risadinha, ninguém conseguia falar não para a dona Bina, e eu achava que sempre via umas luzinhas saindo dela.

— Agradeço muito então. Titia, vamos?

— Só mais uma coisa, ao chegar, trombei com uma senhora correndo assustada e achei esses papéis caídos em sua porta. — Dona Bina os entregou para a mamãe, que ficou olhando de boca aberta toda a papelada em sua mão e disse num tom bem desesperado.

— Primeira Vara da Infância e Juventude, Conselho tutelar, denúncia contra Senhora Paloma Ayres por exposição ao perigo, colocando a segurança da menor Ana Rosa Ayres em risco.

— Ana, você por acaso abriu a porta para alguém, antes de mim? — Vó Selma perguntou assustada, olhando os papéis também.

— Só um pouquinho, a moça nem chegou a entrar e falei para ela que a senhora faz picadinho das pessoas. Foi engraçado ela sair correndo quando a senhora abriu a porta toda suja de molho de tomate, parecia sangue.

Todas as três olharam para a roupa suja da Vó Selma e disseram juntas: “Meu Deus!”. Eu, hein, esses adultos não achavam nada engraçado.

Velocidade Máxima

CAPÍTULO 5

Tinha algo muito errado acontecendo. Os adultos cochichavam, e quando eu chegava perto, fingiam que não estavam conversando sobre coisas de gente grande. Mamusca, antes de ir visitar o papai, pediu para eu obedecer a tia Bina e também para eu não me preocupar, que ninguém iria separar a gente. Nossa, ela estava muito preocupada com o papai mesmo, pois estava toda chorosa e me abraçando tão forte que até doeu minha rabiguinha. Não, birraguinha. Ah, esse negócio fofinho, que tem um furo no meio. Eu, hein?! Palavra difícil.

Tia Selma também pediu para eu não aprontar nada enquanto ela ia entregar algumas comidinhas do buffet. Fiquei em casa com a tia Bina. Ela era tão boazinha, eu me sentia tão calma ao lado dela quando ela contava histórias para mim. Brincamos bastante e assistimos ao desenho da Masha, comi bolinhos e nada de a mamãe chegar. Eu adorei porque não fui para a escolinha de novo. Eu até gostava de lá, mas ficar em casa vendo desenho e comendo bolinho era muito melhor.

Vó Selma voltou para casa toda rabugenta e preocupada, ligou para o namorado da polícia e depois me disse que precisava sair de novo. Fiquei sozinha com a tia Bina de novo, que cochilava o tempo todo no sofá, devia estar cansada, tadinha. Eu a fiz brincar comigo de Masha, e ela era o Urso, e de Peppa Pig como Papai Pig, também a fiz dançar a música do galo Carijó, contar os números com a Mariana e ainda brincar de casinha. Quando a mamãe chegou, ela deu um pulo do sofá já cantando “Mariana conta um”, foi muito engraçado, até minha mamãe deu risada da cena. Ela pediu para a tia

Bina esperar mais um pouco, porque ela ia tirar a sujeira do hospital e já voltava para cuidar de mim.

Estava com muita saudade do meu papai e comecei a chorar, tia Bina se aproximou, me deu colo, cantou uma música de ninar e, com a calma de sua voz, eu finalmente dormi, sonhando com um monte de anjinhos brincando comigo.



Depois de contar com a Mariana um monte de vezes, pular poças imitando a Peppa e cuidar do galo Carijó, consegui por fim fazer com que a Ana Rosa dormisse, utilizando alguns artifícios especiais. Nunca pensei que seria tão cansativo ser anjo da guarda de uma criança, estava exausta e acabei me entregando ao sono dos justos.

Acordei num pulo novamente, com meu alerta tocando. Olhei ao redor, ainda estava na sala da Selma, e a casa permanecia no maior silêncio. Não encontrei a menina nem sua mãe em cômodo algum. Meu alarme começou a tocar mais alto e, da janela, vi Paloma entrar em um táxi, olhando para todos os lados. Será que ela estaria voltando para seu apartamento? Mas, se fosse isso, meu alarme de perigo não estaria soando tão insistentemente.

Tentei alcançá-la, mas na forma humana de uma senhora idosa era impossível acompanhar o táxi, que saiu em disparada. Que Deus me perdoe, porém situações drásticas mereciam ações rápidas. Vi um dos entregadores do buffet se aproximar em uma moto e me joguei em sua frente, ele desviou com tudo para o lado, caindo na rua. Levantei-me ignorando minha recém-descoberta — como era sentir a dor de um joelho ralado — e roubei a moto, torcendo para encontrar o táxi branco na próxima avenida. Por sorte, minha memória ainda estava boa e decorei a placa. Sem considerar meu alarme, que tocava cada vez mais alto conforme Paloma se distanciava, fui ultrapassando os carros, seguindo a intuição, levava um monte de buzinas e xingamentos. Quando percebiam que a piloto era uma idosa, se espantavam e alguns até se benziavam.

Avistei ao longe o táxi entrar em uma rodoviária, mas fui barrada ao tentar entrar com a moto. Larguei-a no canteiro, dizendo que ia fazer uma entrega e corri em disparada enquanto o segurança assustado tentava me explicar que a entrada para entregadores era em outro portão.

Novamente, não tive tempo de pensar. Quando vi a Paloma entrar em um ônibus de viagem com sua filha, pensei: “O que essa maluca está fazendo?”. Tentei entrar no ônibus, mas fui barrada por um fiscal mal-humorado, que pedia meu tíquete de embarque. Sem opção, em um momento de distração dele, me enfiei no bagageiro e me escondi nos fundos, torcendo que não ficasse lotado. Ledo engano, as malas foram se amontoando e me espremendo, e ainda colocaram um cachorro dentro de uma caixa transportadora, que começou a rosnar para mim quando sentiu minha presença, a dona dele apareceu toda brava dizendo ser contra os direitos dos animais e conseguiu levar a fera consigo, me livrando pelo menos desse infortúnio e de ser descoberta.

Resultado: três horas mais tarde, depois de ser chacoalhada, espremida e ameaçada por um cachorro raivoso, o ônibus parou.

Tive que sair de fininho, entre uma mala e outra, sem que ninguém me visse. Procurei pela Paloma e a filha dentro do ônibus, e nada delas. E agora, o que eu faria? Meu alarme estava me deixando maluca, outra dor recém-descoberta me atormentava, na coluna, por ter viajado toda torta em um espaço pequeno e ainda perdi de vista minha pupila.

A rodoviária ficava bem no centro de uma pequena cidade, não seria difícil encontrar uma mulher e uma criança em fuga.

Rodei a cidade perguntando a todos se as tinham visto. Não as encontrei e fiquei me perguntando como havia conseguido me distrair a ponto de perdê-las de vista. O que teria motivado essa ação da Paloma? Esperava sinceramente que não se tratasse de mais uma de suas trapalhadas, porque eu estava encrocada por deixar minha pupila desprotegida e fiquei muito preocupada quando meu alarme parou de tocar.



Ana Rosa

— Mamãe, quem era aquele senhor bonzinho que buscou a gente na rodoviária?

— Era um amigo, não o via há muito tempo.

— Ah... Ele parece ser tão bonzinho. Igual a tia Bina.

— Ele é um anjo, sim, minha querida, estava sentindo muito a falta dele.

— Mas por que ele não pôde esperar para conhecer a vovó?

— Ele é uma pessoa muito ocupada, tinha que voltar para sua cidade, que fica muito longe.

Minha bisa abriu a porta e ficou surpresa quando viu a gente parada bem ali na sua frente. Ela morava em uma cidade com um nome muito engraçado, Piracicaba. Eu morreria se tivesse que escrever tudo isso no caderno de caligrafia da escolinha. Minha mamusca não sabe, mas só escrevo Ana, porque é bem mais fácil. Eu também queria entender o motivo de escrever meu nome toda vez, já que a professora sabe como me chamo de cor, tanto que sempre fala: “Ana Rosa, pare de falar”, “Ana Rosa, sente na cadeira”. Eu, hein?! A escolinha às vezes era muito chata.

— Que surpresa agradável, minha neta. Entre.

Minha bisa era a pessoa mais legal do mundo. Ela me deu um abraço tão gostoso. Ela tinha cheiro de bolo de chocolate e seu cabelo parecia algodão doce.

— Seu pai já sabe de sua chegada aqui? Outro dia mesmo ele estava dizendo que estava morto de saudades e já planejava ir até São Paulo te visitar.

Ownnn... Como que alguém morto poderia sentir saudades? Eu, hein?!

— Não falei com ninguém, vó, na verdade, não avisei sobre minha viagem.

— O que está acontecendo, minha menina? — A bisona perguntou para minha mamãe. Ela me olhou para ver se eu estava prestando atenção à conversa, mas como sou muita esperta, fingi estar brincando com a gatinha fofa da bisá.

— Eu saí apressada, trouxe poucas roupas até. Além de vir buscar o seu colo, preciso da sua sabedoria para decidir o que fazer com o desastre de minha vida. — Mamãe respondeu baixinho.

— Minha neta, você sempre foi tão alegre. O que aconteceu para te deixar tão triste?

— Tudo! Eu sabia que não daria conta de ser esposa, mãe e profissional. De alguma forma, eu estragaria as coisas.

— Acho que está se cobrando demais, garanto que tem feito o seu melhor. Sua filha está linda e saudável, pelo que sei sua empresa é um sucesso e seu marido, sempre que o vejo, parece mais apaixonado do que nunca.

— Mas, vó, eu não consigo ficar longe de uma trapalhada sequer. E dessa vez foi a maior de todas. Eu quase coloquei fogo no prédio, porque deixei a Ana sem supervisão e ela resolveu me ajudar a fazer comida, explodindo o micro-ondas. Olha o risco que ela correu por minha incapacidade.

— Paloma, crianças são arteiras e imprevisíveis, não vi onde você teve culpa. E mesmo que tivesse, todo ser humano é passível de erros, ninguém é perfeito.

— Mas, vó, por causa disso tem uma assistente social querendo tirar a guarda da Ana de nós. Como conseguirei provar que sou capaz de cuidar de uma criança tão indefesa?

— Com amor, minha neta, e isso eu tenho certeza de que você tem de sobra para dar. É impossível ninguém reconhecer seu coração puro.

— A assistente social está atrás da Aninha, querendo provar minha incapacidade de cuidar dela, e o Enrico está muito doente. Eu simplesmente não consigo sem ele, muito menos vê-lo tão vulnerável. Por isso fugi, vó, me deixe ficar aqui com a senhora, só assim não irão tirar minha filha de mim.

— Olha, Paloma, eu iria amar ter minha neta e minha bisneta morando aqui comigo, mas não posso compactuar com esse temor seu, mesmo sendo verdadeiro, tenho certeza que não ocorrerá. Você vai passar a noite aqui comigo, vou cuidar de você da forma que está precisando, mas amanhã irá retornar para seu lar e provar para si mesma o que não está conseguindo enxergar por seu autojulgamento, talvez por cansaço ou excesso de cobrança.

— Ah, vovó, a senhora me superestima.

— Sim, e é exatamente o que você está precisando enxergar. Seu valor é inestimável.

A bisa se aproximou da mamãe e deu um abraço nela, que ficou chorando baixinho. Eu fiquei com dó também, parei de fingir minha brincadeira e segurei as mãos das duas. Mamãe levantou a cabeça me olhando e secou suas lágrimas.

— Eu prometo que irei consertar toda essa bagunça, não vou chorar mais, e juntas iremos cuidar do papai. — Mamãe me disse, parecendo melhor. Como era bom ter colinho de vez em quando.

Enquanto isso, em lugar muito distante dali...

De anjo e louco todo mundo tem um pouco

CAPÍTULO 6

Ata da reunião/2018 – AAGC

— **D**eclaro aberta a reunião extraordinária do Conselho Administrativo dos Anjos da Guarda Celestiais de número 38. Requerente: Ordem Gerencial de Conduta Protetora.

— Abro esta sessão expondo o motivo dessa reunião. Recebi um relatório sobre a má conduta do anjo da guarda da menina Ana Rosa Ayres, que terminou perdendo sua protegida.

Ouve-se um “ohhhhh!” no recinto.

— Eu não a perdi. Estava tudo sob controle até vocês me trazerem de volta!

— A solicitação foi feita pelo órgão já citado, vossa senhoria nega as acusações?

— Sim, nego.

— Meu relatório traz informações preocupantes, aqui diz que vossa senhoria usou poderes proibidos de serenidade, roubou uma moto, dirigiu em alta velocidade, agrediu um trabalhador, hipnotizou um cachorro, sem contar o fato de ter perdido sua pupila de vista.

— Ohhh! — Os conselheiros se espantam causando murmúrios no ambiente.

— As ações foram tomadas em uma situação drástica, eu precisava agir rapidamente. Me leve de volta, pois estou perdendo tempo nessa reunião de futriqueiros. — Bina se exalta, pois sabe da importância do tempo para os humanos.

Todas as vozes se levantam novamente, falando ao mesmo tempo.

— Silêncio, silêncio no recinto! Eu não interrompi minhas férias pelos anéis de Saturno para ouvir um bando de anjos maritacas. — É o chefe dos conselheiros quem adverte.

— Não estou dizendo... O tempo é precioso na Terra para perdê-lo aqui. Me transporte de volta imediatamente.

— Sim, vossa senhoria retornará assim que terminar o curso de reciclagem para anjos da guarda infratores.

“Ohhh!”

— Quietos, suas maritacas! Quem irá tutelar minha protegida enquanto vou para a reciclagem? — Bina se mostra preocupada.

— Quem entre os presentes se habilita para a função? — O chefe dos conselheiros pergunta.

Silêncio total no recinto.

— Me deixe ao menos me defender, já que esses covardes não têm coragem de proteger uma criança tão indefesa.

— Nós temos é amor por nossas asas. Aquelas duas juntas são pura confusão. — Um dos presentes alega, fazendo os burburinhos voltarem.

— Está vendo? Só resta a mim, peço clemência. Não posso ficar tanto tempo afastada, a menina está passando por uma situação delicada.

— Claro, com uma mãe daquelas nem a guarda celestial imperial daria conta. — Outro anjo diz.

Risadas.

— Vamos votar... Alguém presente no recinto se declara contra a execução da Penalidade?

— Eu me declaro! — Um anjo muito conhecido por todos se apresenta.

“Ohhh!”

— Vossa Senhoria? Mas tu és um anjo cupido.

— Sim, e o anjo em questão não pode ser julgado pelas leis dos anjos da guarda, porque é um Querubim. Então as penalidades não se aplicam à situação.

— Falou o anjo infrator maior de todos. — Um dos conselheiros desdenha.

— E eu posso saber com que autoridade Vossa Senhoria se declara advogado da ré? — O conselheiro chefe questiona.

— Com a autoridade Dele! “Ele” me enviou em missão de salvaguardar um de seus filhos.

“Ohhhhhhh!”

— Então o senhor alega que está a mando “Dele”? — O conselheiro questiona apontando o dedo para cima.

— Sim. Ou Vossa Excelência acredita que um pai abandonaria um de seus filhos, logo em um momento de aflição? Aquela jovem está sofrendo muito e, no momento em que ela se ajoelhou clamando por uma interferência divina, foi ouvida!

— Mas a diligência de hoje diz respeito às infrações do Querubim presente.

— E quem nunca agiu em nome do Amor? Garanto que todas as infrações foram feitas para um bem maior. Eu posso dizer com consistência, aquela moça é dona de um dos corações mais puros da humanidade, é impossível não se apegar.

Todos riem.

— O amor dura até ela quebrar a asa de um de nós! — Um dos presentes faz piada.

— E ainda assim continuaremos a amando, afinal, essa é a primeira lição dada a nós: “Amai-vos”. Quem aqui nunca tentou parar um carro desgovernado, se jogou em águas turbulentas, amparou um sofredor ou segurou a mão de alguém prestes a dar cabo da própria existência? Os humanos carregam nos ombros o peso do relógio da vida, tantas perdas e

sofrimentos que somos incapazes de mensurar o tamanho da dor, mas conseguimos entender o pedido silencioso de seus olhos, o clamor de suas orações e a angústia das lágrimas... Porém, no fim, mesmo em meio à dor, eles sempre conseguem enxergar a esperança. E é por isso que intercedo em nome dessa protetora que somente se deixou levar pelo mais nobre dos sentimentos... o Amor!

Aplausos efusivos se ouvem no ambiente após o discurso do Anjo Cupido Advogado.

— Vossa Querubim gostaria de acrescentar algo em seu favor?

— O que mais eu poderia acrescentar depois de tão belas palavras? O que eu posso fazer é prometer que me empenharei mais do que nunca em cumprir minha missão.

— Então, pelo poder a mim concedido, declaro suspensa a ordem de reciclagem e punição e devolvo seus direitos de anjo da guarda protetor da criança Ana Rosa Ayres. E seja o que “Ele” quiser. Só espero não ter perdido o cometa de volta para minhas férias.

— Obrigada, meu amigo, ficarei te devendo essa — Querubim Bina diz ao anjo salvador.

— Imagina, tenho grande apreço pela menina Paloma e continuarei zelando por seus passos, até mesmo quando ela tropeçar!



Acordar na casa da bisá depois de ter dormido coladinha com a mamãe foi muito bom. Se meu papai estivesse aqui, seria perfeito.

Acordei com o cheirinho delicioso do café dela, minha rabiga já estava roncando. Juro que tentei não ouvir conversa de adulto, mas minha mamãe parecia outra pessoa, estava tão bonita com a luz do sol batendo em seus cabelos, e estava sorrindo, fazia um tempão que eu não via mais seu sorriso tão lindo. O colinho da vovó fez muito bem para ela.

— Sabe, você se parece tanto com sua mãe.

— Quem me dera ter um pouquinho da força que ela tinha.

— E você tem, só não descobriu ainda. Lembro-me de quando seu pai me apresentou a Ana, ela parecia tão frágil. Logo eles se apaixonaram, e sua

mãe parecia sempre insegura com relação a si própria e ao relacionamento deles. Depois que se casaram, passei muitas noites conversando com ela, da mesma forma que estou fazendo com você, e aos poucos ela foi desabrochando, tornando-se uma mulher madura. Quando engravidou, ficou ainda mais bela, sua alegria parecia exalar pelos poros.

— Mas aí veio a doença.

— Sim, veio, e ela nunca se entregou, lutou com toda a garra, se agarrou a um fio de esperança para vê-la crescer, e de alguma forma conseguiu marcar presença em sua memória.

— Eu penso nela, todos os dias. Tem hora que sinto sua presença tão próxima a mim. Acredito e tenho fé que minha mãe sempre esteve presente me guiando.

— Com certeza, minha neta, ela e todos que te amam. Você só precisa acreditar!

— Obrigada por tudo. — Mamãe respondeu emocionada para sua vovó.

— Que é isso, Paloma? Não fiz nada além de ajudá-la a enxergar a mulher maravilhosa que você é. Está em suas mãos a sua felicidade, não se cobre tanto, deixe esse barquinho viajar por aí.

— Vou sim, vovó, deixei o medo me dominar. E de tanto ter medo de errar, acabei errando e me tornando uma pessoa triste.

— Você ainda terá momentos de fraqueza, e como todo ser humano, algumas vezes irá ganhar; outras, perder. O importante é saber que sempre haverá novas oportunidades para aqueles de coração bom, que só buscam ser felizes.

— Sabe, vovó, sempre projetei minha felicidade nos outros. Primeiro no traste do Cadu, depois no Enrico, e mesmo ele me fazendo descobrir minha autoestima, ainda não aprendi a me amar. E eu preciso, de algum jeito, parar com isso.

— E quando você conseguir, o que era fraqueza vai virar uma força incrível à medida que aumentar a confiança de que é capaz de tomar as rédeas de sua vida, sem depender de mais ninguém além de você.

Eu me aproximei da mamusca e sentei em seu colo, encostei minha cabeça perto do seu coração, ouvindo o *tum-tum* bem mansinho. Mamãe me

abraçou de volta, com a outra mão, pegou a mão da Bisa e disse:

— Prometo que, de hoje em diante, serei mais confiante em mim, ninguém mais me colocará em dúvida de que sou capaz.

— Eu não quero outra mamãe, você é a melhor mamusca do mundo! Mesmo não sabendo fazer bolinhos.

Elas deram risada do som alto da minha rabiguinha roncando e nos abraçamos. Ai, ai... como era bom ser amada, ainda mais quando se tinha leitinho morno e bolinho de chocolate.

Um olho no gato, outro no peixe

CAPÍTULO 7

— **M**eu Deus, Paloma! Onde você se enfiou?

Quando a mamãe e eu abrimos a porta da casa da vovó Selma, parecia reunião da minha escolinha de tanta gente que tinha na sala. A vovó Selma e o namorado, a tia Mel, o tio Ricky, a vovó Ana, o vovô José, a Tia Carmen, todos os titios irmãos do papito e meus priminhos. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, eu não estava entendendo nada, me agarrei na perna da mamusca e fiquei esperando que ela começasse a chorar, porque até eu estava com vontade de tanta bronca que ela levava.

— O que você tem na cabeça? Como desaparece assim, sem dar notícias? — Tia Mel perguntou.

— E ainda aparece com essa cara deslavada, como se tivesse ido ali na esquina? Eu não sei se te dou umas palmadas ou um abraço de alívio. — Vovó Selma me pegou no colo procurando machucados.

— Nossa, maninha, você terá que me pagar umas aplicações de Botox, pois devo estar cheio de rugas por sua causa. — Tio Ricky declarou.

— *Mi corazón* no suportar tantos sustos. — Vovó Ana falou tudo enrolado, ela era tão dramática. Papai me disse uma vez que na terra dele todos eram assim.

— Sua sogra não está acostumada com seus sustos ainda. — Vovô José,

sempre tão calmo, me pegou do colo da vovó Selma, mesmo depois de ela tê-lo fuzilado com os olhos.

— Ah, você não viu nada, Ana! Meu coração deve ser de ferro, porque, se não enfartei até hoje com uma sobrinha dessas, nada mais me derruba. — Vovó Selma disse, ela ainda está bem nervosa.

Aí todo mundo começou a falar novamente. Era uma bagunça só, eu não estava entendendo nadinha. Foi até engraçada a confusão, a mamusca parecia ter virado pedra, me observando passar de colo em colo, sem falar nada. Também, coitadinha, ninguém a deixou explicar que a gente só foi comer uns bolinhos e visitar a bisa legal.

De repente, ouvimos um berro:

— Ordem! Não consigo nem ouvir meus pensamentos com tanto falatório. Vocês querem ou não saber o que aconteceu com a Paloma dessa vez? — Foi tia Mel quem tentou pôr ordem na bagunça, mas só conseguiu fazer todos voltarem a falar.

— Chega! — Todos os olhos ficaram espantados quando perceberam que o berro alto veio da mamusca. — Eu sei que vocês só querem o meu bem e que também se preocupam com o bem-estar da Aninha, mas preciso de um tempo, preciso aprender a me virar sozinha e ser responsável por minhas atitudes.

— Então comece explicando o motivo de ter desaparecido sem ao menos ter deixado um recado. — A vovó Selma parecia querer dar umas palmadas no bumbum da mamusca.

— Eu me desesperiei com a possibilidade de perder a guarda de minha filha e fugi para a casa de minha avó em Piracicaba. Não pensei muito no que estava fazendo, achei que estivesse protegendo a Ana com minha atitude. Vocês conseguem imaginar ser o responsável por sua filha ir parar em um abrigo? — Meus parentes ficaram em silêncio pensando. Eu nem tinha medo de isso acontecer, queria ver alguém me pegar, ia me esconder embaixo da cama, trancar a porta e só sair de lá quando essa tia má fosse embora.

De novo, foi a vovó Selma bem brava quem quebrou o silêncio:

— E como você quer que a gente deixe tudo por sua conta? Acaso não percebe que poderia ter piorado todo o processo com essa fuga maluca? E ainda sem me deixar um recado ao menos.

— Sim, percebi, por isso retornei. Porém esse tempo que passei fora foi importante para eu refletir.

— E o que essa cabeça oca imaginou dessa vez? — Vovó Selma continuava nervosa com a mamusca, parecia nem ligar que todos estavam assistindo à briga delas.

— Percebi que vivo com medo de fazer algo errado, além de me cobrar 24 horas por minhas ações, passo muito tempo pisando em ovos com receio de desapontar alguém. — Mamusca deu um suspiro cansado. — Se eu vou cuidar da minha filha, aparece um batalhão me vigiando; se tento cuidar de minha casa ou quero realizar algo sozinha, esse mesmo batalhão está sempre me rondando. No trabalho, estão sempre me revisando. Meu marido tem que se virar com seus dois empregos, correr para casa para cuidar de nosso lar, porque sou uma péssima dona de casa, e de uns tempos pra cá, sinto que tem alguém me seguindo. Sei de meu histórico, mas não posso simplesmente continuar vivendo me sentindo uma total incapaz.

— Nossa, Paloma, não sabia que você se sentia assim. Se tomamos tanto cuidado e nos preocupamos é porque te amamos. — Tia Mel que falou.

— Eu sei que vocês me amam e só querem o meu bem, por isso tantos cuidados comigo e, principalmente, com a Aninha, quando deveria ser meu esse papel. Mas eu preciso tirar esse peso das minhas costas e tomar as rédeas de minha vida para me sentir bem e feliz novamente.

— Eu não tenho mais saúde, minha sobrinha, para deixar tudo em suas mãos, prometi à sua mãe que cuidaria bem de você, mas se torna impossível cumprir minha promessa com você aprontando o tempo todo!

— Mas vocês precisam. Eu preciso dessa confiança para resgatar aquela Paloma alegre que já fui um dia.

— Mas que nunca conseguiu se manter sobre dois pés. — Puxa vida, a vovó não estava facilitando.

Eu parei a brincadeira com meus priminhos, estava lá fingindo brincar em vez de estar prestando atenção em conversa de adultos. Eu olhei para a mamãe, ela estava de cabeça baixa, tão triste... Fui até ela, dei minha mão para ela segurar, ela levantou o rosto surpresa.

— Eu confio em você, mamãe — falei para ela, que abriu um sorriso bonito para mim. Então a mágica aconteceu, o tio Rick veio e colocou sua

mão também e repetiu:

— Eu sempre confiei em você, maninha.

Depois foi a vez da tia Mel:

— Eu confio em você, minha irmã do coração.

Então todos começaram a vir, um a um, segurar a mão dela também, repetindo “Eu confio em você”. Estava tão bonito de ver aquelas várias mãos unidas dando apoio à mamãe. Só faltava a vovó Selma, que olhava para nós desconfiada, com cara de emburrada.

Ela acabou desistindo e se uniu a nós, colocando sua mão por cima de todas, um amor tão grande com tantas mãos unidas demonstrando carinho.

— Eu vou te apoiar e devo estar ficando maluca, confio e sempre confiei em você, apesar de não parecer. Eu estava tentando ser a mãe que minha irmã seria, mas juro, Paloma, que se você aprontar algo, vou fazê-la descascar um quilo de cebolas por dia, até a Aninha completar quinze anos! — Vovó Selma não podia perder a oportunidade de dar uma bronca na mamusca, fazendo todos darem risadas com sua ameaça.

Foi uma tarde muito boa com minha família, a tristeza só voltava quando alguém comentava algo sobre o papai. A mamãe mentia para mim dizendo que logo, logo ele iria voltar para casa, mas eu era muito esperta, e mais uma vez ouvi outra conversa proibida de adultos, na qual o vovô José se dizia muito preocupado com a evolução do quadro da infecção dele, e como os médicos estavam cuidando tão bem do meu papai, só que nada fazia o efeito desejado. Eu nunca imaginei que umas pintinhas na pele poderiam ser tão perigosas, até fiz uma promessa, fui lá para o quartinho que eu tinha na casa da vovó, ajoelhei e pedi ao Papai do céu para curar meu papai, além de ter jurado que nunca mais iria chorar quando fosse tomar vacinas e ainda contar para todos os meus amiguinhos que nunca, nunquinha nenhum de nós pode ficar sem se vacinar, mesmo com medo da agulha.

— “Amém”!

Ouvi a campainha tocar. Nossa será que meu pedido já foi atendido? Corri para a sala e era a dona Bina. Ela piscou para mim, e então eu soube que meu recadinho tinha chegado lá no céu.

Eu voltei, agora, pra ficar...

CAPÍTULO 8

Oi, amigos. Como vocês estão? Acharam que eu não ia aparecer por aqui, não é? Eu estava com tantas saudades, tenho tantas coisas para contar, afinal, na última vez que nos falamos, estava vivendo o melhor momento de minha vida.

Mas vida de adulto não é fácil, às vezes tenho até inveja da minha preciosa Aninha, tão inocente, aproveitando cada segundo de sua infância, nem imagina a grande enrascada em que a mãe dela se meteu dessa vez. Fala sério! Se vocês estivessem correndo o risco de perder a guarda de seus filhos, ficariam sentadas esperando? Com certeza, não. Agora pensem comigo: quem deve ter feito essa denúncia para o Conselho Tutelar? Eu até cheguei a pensar que tivesse sido a Fabiana Lambisgoia, porém, mesmo sendo tão frívola, ela também é mãe, e tenho certeza de que uma mãe nunca denunciaria outra por causa de uma mentira. Além do mais, ela só se preocupa com o aniversário das gêmeas e em sair bem nas fotos das revistas e redes sociais. Ah... nem contei. Lembram-se do traste do Cadu, meu ex-noivo? Virou deputado apadrinhado pelo sogro dele, pai da Fabiana. Bem a cara dele virar político, não é?

Bom, deixa esse encosto para lá, preciso concentrar minhas forças nessa denúncia sem cabimento para sair dela com minha família intacta. Preciso resolver tudo sozinha dessa vez, enquanto meu grande amor se recupera, porque eu não tenho a menor dúvida que o Enrico logo terá alta. Os amigos médicos dele me explicaram que o Sarampo em adultos pode trazer consequências graves e que a infecção se espalhou, mas tanto eles como eu

sabemos quão forte e saudável o Enrico é, e por isso não vou mais chorar, vou confiar em Deus, e sei que Ele irá me ouvir.

Nunca imaginei o quanto poderia ser feliz ao lado de uma pessoa tão companheira. É claro que nem sempre é um mar de rosas. Enrico continua sendo um cabeça-dura, e eu, a insegurança em pessoa, mas nada que nós não resolvamos com uma boa conversa e depois uma linda noite de amor. Ai, ai... que saudades das estrelinhas! Já estávamos um tempo separados, pois ele foi buscar os pais na Venezuela, e vocês conhecem meu marido, ele, enquanto não visse seus familiares em segurança, não iria sossegar. É isso que mais amo nele, está sempre disposto a sair em socorro de alguém. Ai, meu Deus, chama o Samu! Lembrei-me dele vestido com aquele uniforme, fica uma tentação.

Ai, ai... desculpem o meu rompante, mas, realmente, meu marido é a tentação em pessoa. E aquele sotaque? Ui... olha eu desviando de novo. Bem, onde parei? Então, o Senhor Ângelo sumiu no mundo de verdade. Eu até acho que foi ele quem me ajudou quando cheguei perdida em Piracicaba. De vez em quando eu sinto a presença dele, porém quem sou eu para perguntar ou duvidar? Já fui tão abençoada com a ajuda de um anjo que não ousou nem pensar nessa possibilidade. Oi? Ah, não, não contei isso para ninguém, nem para o Enrico. Até hoje ele acredita ter sido uma brincadeira do Ângelo, e como ele é um bom cabeça-dura, está sempre o procurando por vários lugares.

A minha empresa está indo de vento em popa, apesar de eu selecionar melhor os eventos e as noivas. Tanto o Ed como eu estamos priorizando o tempo junto à família, que é o bem mais valioso de uma pessoa.

A tia Selma vocês viram, é ainda a rabugenta mais protetora do mundo. Ela finge ser aquela general, mas só eu sei o tamanho de seu coração. Ah, e continua no maior chamego com o policial dela, brigando com todos os fornecedores e bombando seu buffet do jeito mais simples possível.

O Rick e a Mel também estão bem, obrigada. Ela, autoritária como sempre, e seu filho, a coisa mais fofa e inteligente do mundo. O Rick finalmente sossegou e até está pensando em adotar uma criança com seu companheiro. Alguém tem dúvida do excelente pai que ele será?

E eu, ah... eu sou a mesma pessoa mais desastrada do mundo, insegura, banana e apaixonada por meu gato moreno e minha filhinha linda. Bem, já

fiquei muito tempo de papo e preciso resolver minha vida, agora que descobri que sou eu a responsável pelas rédeas dela.

Ding dong!

A campanha está tocando, só falta ser a mulher do Conselho Tutelar, ela ficou de vir hoje ao meu apartamento para ver as condições em que a Ana vive e se realmente possuo sanidade para criar uma criança, já que na denúncia falaram que eu sou doida de pedra. Eu, hein?! Pessoa mais mentirosa.

Para minha surpresa é a dona Bina, ela se tornou uma amiga muito solidária e vem me ajudando bastante, não só em relação a Aninha, e também me estimulando e sempre me mostrando que estou no caminho certo.

— É hoje a visita da conselheira? — inquire assim que a convido para entrar.

— Sim, e eu não tenho mais unhas para roer.

— Fique tranquila, Paloma, dará tudo certo.

— Não sei... Já limpei a casa umas três vezes, organizei e revisei tudo, coloquei a melhor roupa na Ana, olhei cabelo, orelha e unha, até enchi de frutas e legumes a dispensa.

— Não é necessário tanta apreensão, apenas seja você e tudo dará certo.

— Sei não, eu sou o desastre em pessoa. Confusão é meu sobrenome. — Bina abana as mãos, minimizando a situação.

— Cadê a Ana?

— Está no quarto dela. Ana, venha aqui.

— Anaaa?

— Ana, cadê você?

— Aí, meu Deus, cadê essa menina?

Não dá tempo nem de pensar no que fazer, a campanha toca, eu olho para o relógio e vejo que é exatamente a hora marcada com a assistente social.

— Atenda à porta enquanto eu procuro essa fujona.

Obedeço ao comando da dona Bina e vou atender à porta meio que no

piloto automático, já imaginando uma nova rota de fuga. Isso lá é hora de essa menina resolver brincar de esconde-esconde?

Uma senhora carrancuda está à porta, já impaciente.

— Boa tarde — digo ao abrir a porta, mas a simpatia nem se dá o trabalho de responder.

— Senhora Paloma Ayres, sou a senhora Marta da regional que irá apurar a denúncia feita ao Conselho Tutelar da cidade de São Paulo, minha agenda está lotada hoje e preciso iniciar o quanto antes minha avaliação. — Ela diz com um tom de voz imponente olhando para mim por cima dos óculos. Um frio sobe por minha espinha, minhas pernas tremem tanto que mal consigo sair da frente da porta para ela entrar, já com uma prancheta em mãos observando e anotando tudo.

A Bina não aparece com a Aninha e uma crise de ansiedade toma conta de mim. Começo a apertar tanto os dentes que dá para eu ouvir os estalos em minha mente. Um suor se instala e começo a fazer um mantra mentalmente, repetindo várias vezes enquanto a conselheira inspeciona minha casa: “Não posso decepcionar quem confia em mim”.

— Aqui na ficha consta que a senhora é casada. Onde está seu marido?

— Ele está internado em estado grave — respondo de forma sincera, como fui instruída pelo advogado amigo do Rick.

— E posso saber por qual doença?

— Sarampo.

— Sarampo? Como assim? Vocês não são imunizados? A sua filha está imunizada?

— Minha filha tomou todas as vacinas, pode comprovar na caderneta de vacinação que entreguei com todos os documentos solicitados. A questão é que meu marido é venezuelano e em seu país essas vacinas não são ofertadas. — Ela continua olhando para mim com cara de quem chupou algo azedo.

— Então seu marido é um refugiado? Ele está aqui legalmente?

— Ele veio para o Brasil muito antes de a crise estourar em seu país, sua função como médico também está nos documentos em anexo. — Ela folheia a papelada para conferir se estou falando a verdade. Ai, Jesus! Cadê essas duas?

— Aqui diz que você assessora noivas. Isso, por acaso, é uma profissão? Conto até dez mentalmente para não lhe dar uma resposta malcriada.

— Sim, é uma profissão, e por sinal minha empresa é uma das mais requisitadas no ramo.

— Isso significa que a senhora tem muito trabalho?

— Sim, muito. Às vezes viramos o final de semana. — Ela me olha com cara de que me pegou no pulo.

— Então... se você trabalha muito como disse, na empresa mais requisitada, e seu marido é médico socorrista e plantonista, quem cuida da filha de vocês? — A assistente questiona conferindo nos documentos.

Não tenho tempo de responder, um mini furacão passa correndo, invadindo a sala com a dona Bina correndo esbaforida atrás.

— Quem é essa senhora? — Sra. Marta pergunta, medindo uma dona Bina assustada.

— Sou a babá da Aninha, estávamos brincando de esconde-esconde.

Bina sussurra para mim que achou a Ana escondida embaixo da cama, com um canetão na mão, fazendo pintinhas na pele, e quando tentou tomar dela, a Ana saiu correndo para a sala.

— Meu Deus, essa menina está com sarampo também! — Percebendo que alcançou seu objetivo, Aninha começa a tossir na direção da senhora, que tenta se proteger enquanto eu não sei se rio ou choro.

— Olhe, é apenas canetinha. — Dona Bina tenta ajudar, já que parece que o gato comeu minha língua.

— E a senhora acha que isso ameniza a situação? Eles não dão conta de olhar a filha e ainda contratam uma babá idosa, que não consegue controlar uma criança!

Ficamos só observando a assistente anotar enfurecidamente nos papéis em sua prancheta, até dizer um “passar bem” seco e ir embora do mesmo jeito que entrou.

Olho para Ana, que está dando pulinhos no ar acreditando ter sido bem-sucedida, depois para dona Bina, com cara de derrotada, e uma determinação toma conta da nova Paloma modelo 3.2. Não serei derrotada assim tão fácil!

Dalorna Balboa

CAPÍTULO 9

— **A**na, mais tarde iremos conversar direitinho sobre essa arte nova sua.

Ela abandona os pulinhos, fazendo cara de choro, mas eu não vou me deixar levar.

— Dona Bina, eu preciso sair!

— Ai, meu Deus, você não pensa em fugir novamente?

— Não, de forma alguma. Só preciso ir até a casa de titia conversar com o namorado dela. Tem algo estranho nessa história toda.

— Sabe que estou com esse pressentimento também? Vou te acompanhar, talvez exista algo em que eu possa ajudar — Bina se prontifica.

Pego uma blusa extra para a Ana, afinal, em São Paulo faz todas as temperaturas em um mesmo dia, a história que vocês ouvem de “coloca o casaco e tira o casaco” aqui é bem real. Saímos sob os protestos da Ana de que vai começar o desenho da Masha e o Urso e ela não pode perder. Não dou ouvidos, pois, de alguma forma, tenho que resolver toda essa situação.

Esperamos o elevador, que parece estar preso em algum andar, por um tempinho, e com a Ana ainda choramingando por perder o desenho. Resolvemos descer pela escada de emergência, antes que ela nos ganhe pelo cansaço.

Uma discussão acalorada vem de um dos andares acima. Mesmo com a curiosidade aguçada, ignoro o barulho, ansiosa por contar minhas

desconfianças para o delegado. Mas Bina, em total alerta ouvindo a conversa, pede para nós fazermos silêncio. Acho muito mexerico da parte dela, só que uma voz e um nome, no caso o meu, me chama a atenção.

Subo na ponta dos pés, pedindo para as duas fazerem silêncio e me esperarem onde estão. Eu me sinto até mal por estar ouvindo a conversa dos outros, porém, conforme vou subindo, tudo vai se esclarecendo e um ódio primitivo vai me dominando.

— Como assim não tem nada que configure a perda da guarda? — A voz da vizinha vagaba do 501 martela no fundo do meu cérebro.

— Eu te avisei que isso não iria dar certo.

— Olha aqui, Cadu, você me prometeu que nós iríamos acabar com a alegria daqueles dois. Agora vem com essa historinha de que não há nada o que fazer?

— A conselheira indicada por meu sogro acabou de sair de lá e me ligou dizendo que não existe possibilidade de continuar com a ação, pois não foi constatado nenhum indício de maus tratos.

— Como isso pode ser possível? Aquela maluca, quase colocou fogo no prédio com a criança lá.

— Ora, nós dois sabemos que foi você quem pagou para aquele técnico mexer nos aparelhos da casa, quando o viu ser chamado para consertar a máquina de lavar deles. Sorte não ter acontecido nada mais grave!

— Não me venha com lição de moral. Você queria o dinheiro do seguro e estava torcendo para o prédio todo pegar fogo, para poder fugir para algum paraíso fiscal antes que fosse pego na operação “lava calçadas”!

— Eu queria o dinheiro para fugir com você, sua mal-agradecida. Todo o dinheiro que tenho é por causa da Fabiana, como poderia simplesmente fugir sem um real aqui no Brasil?

— Me desculpe, meu Amor, é porque fico cega de ciúmes. E como sua esposa sempre acusa, ainda acho que você é apaixonado por essa maluca. Já basta ela ter me roubado o meu boy latino.

— Aquele lá é carta fora, fiquei sabendo que está hospitalizado em estado grave.

— Uma pena, queria ver a cara dele quando a filhinha insuportável fosse

parar em um abrigo!

Eu não sei dizer como aguentei ficar quieta por tanto tempo enquanto ouvia aqueles dois tramando contra minha família. Como eles podem ser capazes de manipular contra uma criança? Estava tudo explicado agora, o Cadu se juntou com a vagaba do 501, ex do Enrico, para destruir minha família. E ainda são amantes, tramando colocar fogo no prédio para receber o dinheiro do seguro e fugir para algum paraíso fiscal. Agora tudo faz sentido! Que nojo!

— Faz o seguinte, benzinho, oferece dinheiro para essa assistente. Ela, com certeza, vai aceitar o suborno.

— E de onde eu vou tirar mais dinheiro?

— Ah, sei lá. Tira da poupança das catarrentas das suas filhas.

Ao ouvir que eles ainda pretendiam continuar com a tramoia, não dou por mim e saio gritando para acertá-los, eles vão ver quem é a maluca e que não se mexe com uma mãe. Eles levam um baita susto por serem flagrados. O covarde se esconde atrás da amante e ainda a usa de escudo enquanto eu, furiosa, arranco os apliques dos cabelos dela. Eu quero mesmo é deixar as marcas de minhas unhas na cara engomadinha do Cadu, só que ele se protege, empurrando a própria aliada contra mim. Eu, ensandecida como estou, a xingo e a chuto sendo observada pelas pessoas que começaram a chegar com o meu repentino momento de fúria. Até que ela resolve reagir e tenta se livrar do meu ataque, empurrando o Cadu para cima de mim e mandando-o me dar jeito. Ele se desequilibra ao tentar ficar entre nós e desaba o corpo sobre o meu. Eu já estava me virando para partir em uma tentativa de me acalmar, quando sinto o baque de seu peso me empurrando para escadaria abaixo. Apago quando sinto o pé dele acertar minha cabeça ao cair do último degrau.

Abro os olhos com muita dificuldade e com uma dor latejante na nuca, dessa vez, estou encrocada de verdade. Não quero nem ver quando a tia Selma descobrir que me engalfinhei com a vagaba do 501. Mas que eu lavei minha alma, eu lavei! Eu até tentei ficar imparcial por todo o tempo que ela falava de mim, porém meu sangue subiu quando ela ofendeu a Ana. Já não bastava toda a tramoia para mandar minha filha para um abrigo?

Tento me levantar, mas minha cabeça gira sem parar. Busco o som de sirenes, já estou até acostumada com elas, porém o silêncio chega a ser assustador. Ai, meu Deus, a Ana! Na última vez em que a vi ela estava com a

Bina. Será que ela viu a mãe brigar feito um moleque de rua?

De novo, faço outra tentativa de me levantar, mas a vertigem não deixa. Uma mão cálida me toca, acalmando meus sentidos. A voz que ouço a seguir me assusta e também me acalenta.

— Minha adorável menina, sempre agindo impetuosamente!

— Senhor Ângelo, quantas saudades! — Eu me levanto com dificuldade para abraçá-lo, mas ele parece não ser real, parece apenas um vulto.

— Ah, menina, não fique triste, estamos a uma distância do toque, porém próximos do coração.

— Eu sei, o senhor é um anjo. Ai, meu Deus, o senhor é um anjo!

— Acho que ambos já sabemos disso.

— Sim, mas se você é um anjo e eu estou aqui conversando com o senhor, significa que eu morri?

— A morte é algo relativo, depende do ponto de vista de quem observa, pois às vezes o corpo se finda para se permitir viver em eternidade.

— Ah, vovozinho, não faça isso comigo, não consigo entender essas parábolas. Puxa vida, minha vida é uma confusão, mas não posso simplesmente morrer agora!

— Acredito que não somos nós quem decidimos nosso tempo na Terra, caso contrário, muitas vidas seriam eternas e outras mais breves do que devem.

— Então, a minha está no meio... Tem a Ana, o Enrico doente, minha empresa, além da titia, que vai me matar se eu simplesmente morrer assim! Se bem que não se mata um morto, né?

Ele riu.

— Minha menina nunca perde o humor. Mas eu te pergunto: nessa escala de prioridades, onde você entra?

— Mas eu tenho que pensar primeiro neles. É por eles que todos os dias eu continuo tentando não tropeçar nos meus calcanhares.

— Sim, você deve pensar neles! Mas se eu te pedir para listar todas as coisas que ama, quanto tempo você irá demorar para se citar?

Penso, penso... e, realmente, eu nunca me colocaria nessa lista.

— Está vendo, minha doce menina? Sei que tens passado por dificuldades, e até por um período de reflexão, mas no momento em que você se colocar como prioridade, renascerá para uma nova vida, em que todo esse amor que destinas aos outros virará amor-próprio e nunca mais você colocará em dúvida a mulher maravilhosa que se tornou.

— Ah, vovozinho, o senhor sempre tem o dom de falar palavras tão bonitas que quero até ser mesmo essa mulher aí.

— Você é, minha menina, basta acreditar!

— Então eu não morri?

— Não, minha menina, você só está desacordada! E lembre-se: eu sempre estarei aqui.

Ouçó o barulho familiar das sirenes da ambulância do Samu, agora sei que tudo finalmente ficará bem!

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura

CAPÍTULO 10

— *M*i amor, o que aconteceu dessa vez? A voz suave de Enrico invade meus sentidos, me fazendo despertar. Abro os olhos devagar e me deparo com ele vestido com uma camisola cinza, de pé, em frente à minha maca.

— Eu morri? — balbucio achando ainda ser um sonho.

— Ao que me consta, não, minha maluquinha — Enrico responde carinhosamente.

— Achei que estava vendo outro anjo.

— Outro?

— Acabei de falar com senhor Ângelo.

Enrico examina minha cabeça e resmunga:

— Me falaram que você caiu e teve outra concussão cerebral, mas isso não significa ver coisas.

— Você nunca vai acreditar, né?

— Só acredito naquilo que meus olhos podem ver.

— Você é um cabeça-dura!

— E você, uma maluquinha de carteirinha. — Ele se aproxima e dá um

beijo suave em meus lábios.

— Mas você nem imagina o que eu aprontei dessa vez! — respondo me sentindo culpada por ter agredido alguém na frente de nossa filha e ainda ir parar no hospital por causa disso.

— Já me contaram uma parte, levei um baita susto quando me avisaram da sua chegada aqui no hospital.

— Me desculpe, eu não consegui me equilibrar quando o Cadu caiu sobre mim.

— Nem me fale desse mau-caráter! Ainda bem que você fez todo o serviço, o mandando para o hospital. Caso contrário, seria eu mesmo a quebrar a cara dele!

— Meu Deus, ele se machucou também?

— Sim, Paloma e bastante. Na queda das escadarias, ele bateu as costas contra uma pilastra e foi socorrido gritando que não sentia as pernas.

Essa informação me assusta.

— Eu tive uma crise de fúria, mas não queria machucá-lo a tal ponto — respondo de forma sincera.

— Pelo que foi relatado a mim por meus amigos policiais, quem o empurrou foi a Marlene, sua amante... Que o fez desequilibrar e levar você junto escada abaixo. A sorte dele foi que não veio para cá ao ser socorrido. O engomadinho, mesmo gritando de dor, exigiu ser levado para um hospital particular, caso contrário, eu iria acabar com a raça daquele covarde, mesmo todo quebrado.

— Já te contaram o motivo de tudo? — pergunto ainda mais preocupada. Enrico não vai se controlar se souber que o Cadu e sua amante fizeram uma denúncia falsa ao Conselho Tutelar.

— Eu só sei que você deve ter tido um bom motivo para fazer o que fez, conheço *mi amor* e tenho certeza de que não teria uma reação tão destemperada por nada.

— Senti tanto sua falta — respondo com um alívio imenso por ele estar bem e por sua confiança em mim.

— Eu também estava morto de saudades. — Enrico pega minha mão livre, depositando beijos ternos.

— Sabe, eu tinha certeza de que você ficaria bem, mas ainda assim fiquei com muito medo de fazer algo errado ou irreversível em sua ausência. Aconteceram tantas coisas que o pavor de te decepcionar era até maior do que a saudade.

— *Mi hermosa*, quando você vai parar de se penitenciar? Acaso ainda não percebeu o quanto sou louco por você?

— Sim, eu não duvido de seu amor, mas você pode se cansar de tantas confusões nas quais me meto. Se você souber da última então...

— Isso nunca será possível, *yo te amo* exatamente do jeito que você é. Não imagino como seria sem graça minha vida sem você e a Ana para me trazer paz e alegria. Quando estou nos plantões, em meio a tantas tristezas, é a certeza de voltar para o aconchego de nosso lar que me repõe as forças.

— O que eu fiz para te merecer?

— Nasceu! Você é perfeita assim, nunca mais coloque isso em dúvida.

Tento me levantar, mas a vertigem me impede. Enrico encurta o caminho se aproximando.

Ele me olha profundamente, quase me esqueço de onde estou e de minha cabeça dolorida. Enrico deposita outro beijo suave em meus lábios, depois outro em minhas pálpebras inchadas, volta para meus lábios, tudo em gestos carinhosos, repleto de amor e carregado de saudades. Ai, ai... como é bom ser amada. Observo sua camisola e me assusto com algo bem desperto.

— Enrico do céu, você está andando pelo hospital todo solto assim? — Ele dá uma risada gostosa, alegando que estava internado e quietinho até descobrir sua adorável esposa hospitalizada também. Ele já nem se abala mais com todas as minhas artes.

— Pelo que vejo, você já está bem curado.

— Novinho em folha e pronto para outra.

— Não, nem me fale uma coisa dessas. Agora sei o motivo da rabugice da tia Selma, é muita preocupação ter uma pessoa hospitalizada, e neste quesito eu sou campeã.

— Se não fosse por isso, não teríamos nos encontrado. Agradeço todos os dias por você ter cortado seu dedo.

— E só de pensar que tudo começou por causa do Bon Jovi!

— Como assim? Não foi por causa do corte?

— É uma longa história, daria até um livro, mas te conto qualquer dia com calma.

— Quero saber direitinho mesmo. Onde está nossa Ana? — pergunta enquanto acarinha minha mão livre em gestos suaves.

— Ficou com a dona Bina. Ela é um anjo, viu? Cuida tão bem de nossa filha, como se fosse sua neta.

— Lá vem você de novo com essa história de anjo.

— Ah, não. Outro anjo de verdade em nossa vida seria pedir demais, quis dizer que ela é bondosa e solícita.

— Então descanse, *mi amor*, vou ligar para a Selma para saber notícias de casa e também para acalmá-la. Amanhã teremos alta para irmos, finalmente, juntos para nosso lar.

— Isso se os bombeiros liberarem nosso apartamento.

— Não importa, você é meu lar, ao seu lado eu vou para qualquer lugar — Enrico volta a me beijar de forma apaixonada, por um segundo, quase esqueço que estou em um hospital.

Ai, ai, minhas amigas... Quando a vida der limões a vocês façam uma, uma, uma... Eita, nem consigo pensar direito com ele perto de mim. Mas, basicamente, queria dizer que, se a vida tirou aquele encosto do seu caminho, talvez seja porque o melhor ainda está por vir.

— Eu preciso ir, antes que a paciência de nossa família por notícias se esgote.

— Por favor, pergunte notícias do traste. Mesmo querendo quebrar a cara dele, eu não lhe desejo mal.

— Só você mesmo, minha bondosa maluquinha!

Mal Enrico sai, uma avalanche invade a observação da enfermaria. Agora imaginem a cena a seguir comigo: vocês estão sentindo vertigem, com a cabeça dolorida, com raiva do nervosismo passado à toa, mas também com dor na consciência por seus atos, em cima de uma maca hospitalar, então, entram sua tia maluca gritando com todo mundo, seu irmão-amigo chorando, sua melhor amiga dando ordens, seu sogro e sua sogra desesperados. Não dá para entender uma única palavra coerente em meio ao falatório.

— Olha, francamente, Paloma, eu gostei que você arrebentou com aquele pamonha, mas precisava vir parar no hospital novamente? Não tenho mais saúde para outro susto. Da próxima vez, deixe que eu frito os bagos dele.

— Coitado, tia, ele está hospitalizado em estado grave!

— E é bom que fique para sempre dentro do hospital, porque, se ele sair, vou arrancar o couro dele e fritar junto com os bagos! Onde já se viu fazer uma denúncia falsa para o conselho tutelar?

— Verdade! Dessa vez, até eu ajudo. Ele me fez roer todas as minhas unhas de tanta preocupação. — É Rick quem fala.

— Nem me diga, nunca tive tanta vergonha em ser prima dele como agora, nem quando ele foi denunciado na operação Lava Calçadas — Mel diz inconformada.

— *Mi corazón no hay* de aguentar tanto nervoso. — Minha sogra responde em tom dramático.

— Ih, Ana, você nem viu nada ainda. Pinto meus cabelos desde antes dos 30 anos por causa dessa daí, que me deixa de cabelos brancos. Teve época em que até pensei em morar dentro de um hospital, pois já evitaria a correria.

— *No és* possível, desde que chegamos foram vários sustos. Minha pressão está lá nas alturas.

— Então te prepara que vai subir mais que foguete. — É o exagerado do Rick quem diz, arrancado gargalhadas de todos em plena enfermaria do hospital.

— Vocês vieram visitar a Paloma e nem ao menos perguntaram se ela está bem — José, meu sogro, fala de forma sensata.

— Imagina, viemos mesmo só para ter certeza de que ela está viva. Bem, ela está, e sempre ficará. Acho que ela deve ser algum tipo de mutante que se quebra todo e depois regenera. — Agora é Mel quem faz todos rirem.

Um enfermeiro chega dando bronca em minha família, dizendo estarmos em um hospital, não em uma sala de visitas. Ele os expulsa, que partem sem nem ao menos falar comigo.

Mesmo com a cabeça dolorida consigo sorrir. Agora eu tenho certeza de

que tudo, finalmente, voltará ao seu lugar. E o meu, é do lado do meu boy latino moreno e da minha filhota linda.

Continue a nadar

CAPÍTULO 11

É a terceira vez que eu assisto ao filme Dory só nesse dia. Ana descobriu o desenho, deixando finalmente a Masha e o Urso para trás. Fiquei tão feliz que ela se encantou com o desenho desde que o assistiu pela primeira vez, pensei comigo: “Ufa, me livrei!”. Mal sabia eu que iria assistir ao filme três vezes por dia e teria que imitar a Dory o tempo todo. Foram tantos acontecimentos nos últimos dias que frase “continue a nadar” se tornou o meu lema predileto.

Estou tirando um período de férias, cheguei ao ponto em que preciso dar um tempo para recarregar minhas energias. Eu amo o meu ofício, mesmo com as noivas inventando os casamentos mais mirabolantes a cada personalidade que se casa, mas o volume de serviço, juntamente com a cobrança que eu mesma me imponho, tornou sufocante o que era prazeroso.

Quando finalmente tivemos alta do hospital e voltamos para nosso lar, já liberado pelos bombeiros, me sentei com o meu marido e tivemos uma conversa bem produtiva. Enrico me fez enxergar o quanto eu estava encontrando caraminholas onde não havia. Ele estava preocupado com uma possível depressão, mas, na verdade, eu só estava sufocada, querendo ser perfeita quando ninguém esperava isso de mim, se todos os meus familiares viviam me cercando, era por me amar e não por me achar incapaz de cuidar da minha própria vida ou de uma criança.

Ui, dá até calor só de me lembrar das palavras do pedaço de mau caminho que tenho como esposo:

“*Yo te amo*, mesmo com seus dois pés esquerdos, sendo uma terrível cozinheira e com toda a sua insegurança, porque é isso que te faz única. Seu riso fácil me vinha todos os dias à lembrança enquanto eu passava por dificuldades na minha terra, a esperança de vê-la novamente era o que recarregava minhas forças para voltar para seus braços. Você, minha maluquinha, transformou minha vida em plena alegria, me deu uma família linda, motivos para sorrir e um amor que arrebatou meu coração e minha alma. Não pense jamais ser menos especial do que é, *Yo te amo, Yo te quiero, para siempre.*”

Não preciso nem dizer como acabou essa declaração. Eu já havia virado gelatina, antes mesmo de ele apertar a tecla SAP. Nossa noite de amor foi tão linda e repleta de saudades que os cometas que avistei nem passavam em nossa órbita.

Por incrível que pareça, a Ana anda calminha. Acredito que ela aprontava tanto para chamar minha atenção, pois eu, de fato, andava muito abatida com tantos acontecimentos ameaçando o bem-estar de minha família.

A Bina tem sido uma amiga e tanto, ela tem o dom de aparecer sempre, quando menos espero, para me ajudar com a Ana, cuidando dela como se fosse sua neta. Também acalma titia, sempre nervosa, e me dá os melhores conselhos, o que mata um pouco a minha saudade do senhor Ângelo, mesmo eu tendo certeza de que realmente me encontrei com ele quando estava apagadona, depois de meu último acidente.

E quando digo último, foi e será mesmo, pois agora, que ando mais desencanada, parece que parei de atrair confusão e problemas. Sabe, tirei um peso enorme das minhas costas por não ter sido a responsável pelo acidente em meu apartamento. Eu posso ser o desastre em pessoa e até sofrer bullying por causa disso, mas, no momento em que uma possível atrapalhada atingiu minha filha, tudo começou a tomar uma proporção descontrolada. Eu me deixei levar e me entreguei ao abatimento.

Agora tudo voltou ao normal. Para minha sorte, a Bina fez o que eu nem imaginava, gravou toda a conversa do Cadu com a Marlene. Não sei onde ela arrumou um celular, mas foi providencial para salvar minha pele, principalmente pelo processo de agressão que ambos tentaram abrir contra mim. Fala sério se não são dois caras de pau? Tive que controlar o Enrico, que queria de todo jeito terminar o serviço que comecei. Sabe como é sangue

latino, não é? A sorte do Cadu foi que ele ficou vários dias hospitalizado, mas acho que era para fugir dos federais que estavam atrás dele pelo desvio de verbas em sua função de Deputado.

Durante a fase de investigação, a Fabiana, com raiva do caso dele com a vizinha do 501, entregou todas as contas em paraísos fiscais, provas de lavagem de dinheiro, fazendo a casa dele desabar. Ele foi do hospital direto para a prisão, foi um escândalo daqueles! Com isso a questão da falsa denúncia de maus tratos acabou sendo pequena mediante toda a confusão na qual, dessa vez, ele se meteu. E olha, nem precisei fazer nada. O castigo veio de avião!

Já a Marlene foi pega tentando fugir do país com joias, fruto da lavagem de dinheiro de seu amante. Foi outro escândalo! Saiu do aeroporto e foi direto para uma penitenciária no interior da cidade, se escondendo da mídia, ao contrário da esposa oficial, a Fabiana, que está feliz estampando as capas de revistas e jornais, mesmo que seja as de crítica política ou policial, além de estar se aproveitando da história de mulher traída para se lançar candidata a vereadora. Graças aos céus, ela acabou se mudando para uma cobertura em um bairro nobre.

A paz voltou a reinar em meu lar, não existe mais risco algum de eu perder a guarda de minha filha. Todos os materiais elétricos em meu apartamento foram revisados, a fim de evitar qualquer sabotagem feita por aqueles dois, e, finalmente, pudemos dormir tranquilos. A angústia pela qual eu estava passando se dissipou, dando lugar à autoconfiança e, agora, já consigo olhar para o futuro com esperança.

Enrico tem chegado tarde da noite do hospital, ele vem trabalhando bastante para compensar o período de sua licença para buscar os pais. Todo o tempo que passamos juntos ainda não foi suficiente para matar nossa saudade. Mesmo chegando cansado, ele sempre separa um momento para mimar a filha e amar a mãe, por isso não vejo a hora de colocar a Ana para dormir, que briga com o sono esperando pelo pai. Ela não dorme de jeito nenhum sem ouvi-lo cantar uma musiquinha de ninar. Muitas vezes a música a faz ficar mais acordada, mas Enrico tem todo um jeitinho com ela, mesmo que às vezes quem durma primeiro seja eu.

Sento-me na beirada da cama, admirando Enrico contar sobre as belezas de sua terra natal. Estou quase adormecendo quando meu marido e filha

pulam em mim fazendo cócegas. Eu não aguento.

— Ai, parem, por favor!

— O que você acha, Ana? Paramos?

— Só se ela cantar a musiquinha.

— Ai, não, sou péssima cantora.

Em resposta, recebo mais cócegas, já estou me contorcendo de tanto rir.

— Só paramos quando você cantar! E tem que ser nossa musiquinha da alegria.

— Tá bom, eu me rendo! — respondo entre risos e começo a cantar a plenos pulmões, explodindo de alegria e grata por toda a benção que é minha família:

“Eu sou um bolinho de feijão

De feijão!

Meus amigos me chamam de peidão

De peidão!

O de arroz quando me vê começa a rir

Começa a rir!

Mas pelo menos tenho boquinha pra sorrir

Por quê? Por quê?

Eu sou um bolinho de feijão!”

A Ana dormiu cansada de tanto rir e eu não consigo tirar o sorriso do rosto, principalmente porque já estou no meu quarto, em minha cama, e vendo o Enrico sair do chuveiro com gotas de água escorregando por seu corpo moreno, prontinho para me amar.

Ai, ai, estrelinhas, aí vou eu!

Ops! Será que eu tomei o remédio?

Enrico está deixando uma trilha de beijos da extensão da minha nuca até o lóbulo de minha orelha. Resmungo algo que nem eu mesma sei o que é.

— Disse algo, senhorita? — Ele me pergunta antes de capturar meus lábios em um beijo quente, depois disso, não sei mais nem em que planeta estou.

Com licença, minhas amigas, vou ali em Marte e depois volto para contar como será o aniversário de sete anos da Ana.

Se você quer sorrir... é

CAPÍTULO 12

Oi, voltei! Minha mamusca já falou demais por aqui. Vim contar para vocês sobre minha festa de sete anos. Adivinhem qual personagem seria o tema. Se pensaram na Masha ou na Dory, erraram, agora minha mania preferida eram os unicórnios. Teria bolo de unicórnio, algodão doce e um montão de brigadeiros — a mamusca ficava brava quando eu dizia que era cocô de unicórnio. Mas era tão bom, e eu gostava do marronzinho, não queria colorido. Então qual seria a melhor forma de encaixar na decoração? Ia ser engraçado. A dona Bina prometeu que faria para mim, o dela era o melhor do mundo, mas não contem para a vó Selma.

Sabe, eu estava bem triste, porque ela andava dizendo que sua hora estava chegando. Eu até, sem querer querendo, quebrei todos os relógios para ela não ver essa tal hora chegar. Já pedi para ela ficar comigo, mas Dona Bina me explicou que tinha um trabalho muito importante para fazer em um lugar tão, tão distante, para um chefe muito importante. Por esse lado, fiquei feliz por alguém ainda dar trabalhos para uma vovó.

A mamusca e o papito também ficaram tristes com essa notícia, mas disseram conformados que a vida era assim mesmo, uns chegavam, outros partiam, e o que importava eram as amizades feitas pelo caminho, guardadas com carinho no coração. Eles andavam cheios de segredinhos, um chamego só. Minha mamãe estava até mais bonita, sorridente, não chorava mais escondida, até minha comidinha ela estava fazendo. O tio Ricky falou que seria a última vez que tentaria ensiná-la. E não é que ela aprendeu direitinho? Estava toda feliz. Só a tia Selma que continuava brava, reclamando de a

mamãe não jantar mais lá. Agora minha mamusca voltou a trabalhar, mas ia, geralmente, quando meu papai não estava de plantão. Nós éramos uma equipe muito bacana.

Eu voltei a brincar no parquinho do prédio, as gêmeas chatas mudaram e não puxavam mais meu cabelo. E os vizinhos não cochichavam mais sobre a mamusca. Também, meu papai ameaçou processar todo mundo, ele era bem bravo às vezes!

— Ana, com quem você está falando? — Mamãe perguntou para mim.

— Com meus amigos!

— Que amigos? Vai se trocar para sua festa, seu vestido já está em cima da cama.

Bem, estava na hora de eu me arrumar, colocar meu vestido colorido de unicórnio para minha festa.

Daqui a pouco eu volto.



— Vocês já contaram para a Ana? — Escutei a voz grossa da vovó perguntar para minha mamãe e meu papai.

— Não, titia, estava esperando o resultado do exame de sangue, porque o da farmácia nem sempre está correto.

— Mas vocês pegaram o resultado há um mês, e ainda não conseguiram contar?

— Porque o resultado deu muito alterado e ficamos esperando para marcar o ultrassom.

— Que foi realizado ontem!

— Titia, hoje é o aniversário dela, por isso achei melhor esperar, pois não sabemos como ela irá reagir. Toda vez que abordamos o assunto, ela apronta alguma!

— Sei, sei... você não está com aquelas inseguranças bestas de novo, acreditando não dar conta de tudo, né?

— Essa fase passou, hoje me sinto mais preparada, estou consciente de que ninguém é perfeito e de que todos me amam do jeito que eu sou!

Meu papai, que só observava a conversa — nem ele era doido de interromper a vovó quando ela queria dar uma bronca —, se aproximou da mamãe e a abraçou, depois deu um beijão nela. Não consegui ouvir o que ele sussurrou no ouvido dela, mas ela ficou da cor de um tomate.

A vovó deu uma tossida interrompendo os dois e disse:

— Vocês têm que contar com jeitinho para minha netinha, ela passou muito tempo sendo filha única, é mimada por todos, é capaz de se sentir enciumada.

— É exatamente isso que estou tentando te explicar, tia Selma. Estamos esperando o momento certo e daremos um jeito de fazê-la participar de tudo. Com o tempo, ela irá se acostumar com a ideia.

Nossa, será que minha mamusca estava dodói? Eu fazia exame de sangue quando estava doente. Mesmo falando para as enfermeiras que meu papai era um médico muito bom, elas sempre me picavam de qualquer jeito. E o que será que eles estavam tentando me contar?

— Será que dessa vez é um menino? Seria o máximo. — Vovó parecia curiosa e empolgada.

— Vou amar ter um menino também, deve ser uma experiência diferente, mas só peço uma gravidez tranquila para *mi amor*. — Papai respondeu, deu um beijo na mamãe e depois outro na barriga dela. Ah... então era isso que eles cochichavam, minha mamãe estava esperando um bebê, que seria meu irmão. Isso não ia ficar assim!

Corri para me esconder e bolar um plano.

— Alguém sabe da Aninha? — Escutei do meu esconderijo secreto a mamãe perguntar.

Ela queria me contar sobre esse intruso que ia tomar meus papais de mim. Eu ia ficar escondida para sempre, assim ela não poderia me dizer nada.

Subi escondida para o sótão, de lá eu arrumaria um jeito de subir no telhado para ficar esperando a dona Cegonha passar. Eu tinha umas contas para acertar com ela. Onde já se viu trazer um bebê chorão para minha família?!

Levei comigo um estilingue que achei nas caixas do sótão da vovó Selma, muita sorte mesmo, era o que eu precisava para impedir essa traidora.

Fiz um monte de bolinhas de papel, mas achei pouco, voltei e peguei as bolinhas de gude. Ah... isso, sim, seria bom. Mas tadinha da Cegonha, e se eu a machucasse? Já sei! Se isso acontecesse, eu a pegaria, levaria para meu papai cuidar, depois a deixaria voltar para sua casinha, em troca de ela não entregar nenhum bebezinho em minha casa. Eu era muito esperta mesmo!

— Ana, estão chegando os convidados, vem brincar! — Ouvi minha mamãe me chamando, eu tinha que ser rápida, antes que eles me achassem aqui.

Subi as escadas que davam para o telhado e fiquei esperando a Cegonha passar. Lá de cima vi minha festa, ficou tudo lindo. Minha mamãe caprichou na decoração e fez tudo o que eu pedi. O bolo de unicórnio na mesa toda colorida com doces e balões, atrás tinha um painel com nuvens, meus titios estavam dançando com suas esposas e filhos, a vovó Selma estava fazendo comidinhas e o tio Rick estava servindo a todos bem alegre, meu papai brincava com as crianças e a minha mãe estava procurando algo com a tia Mel, achei que fosse por mim. Mas só sairia daqui quando acertasse as minhas contas. Já pensou se fosse um menino? Deveria ser chato igual aos da escolinha, ou pior, se fosse parecido com o Heitor, que beijava todo mundo na bochecha com a boca melada de bala. Eca! Ou se fosse menina, então eu teria que dividir minhas bonecas, as roupas, isso sem contar o quarto. E ainda deixaria de ser o xodó das vovós, titios e titias.

Já estava cansada de esperar e perder minha festa, queria comer brigadeiros logo, estava ficando impaciente, já devia estar aqui há uns três minutos. Então eu vi um pássaro branco vindo na direção da casa. Ah... devia ser ela. Peguei o estilingue e subi no telhado para jogar a bolinha, aí ouvi alguém chamar meu nome, me distraí, escorreguei e caí.

Fechei bem os olhos, esperando a dor e com raiva de ter perdido a oportunidade. Mas estava em um colo bem macio, com cheirinho do perfume que eu ficava espirrando no banheiro — me falaram que se chamava lavanda. Abri os olhos devagar e me deparei com a dona Bina olhando para mim com a cara franzida. Fiquei bem quietinha, sabia que iria levar a maior bronca. Ela me abraçou, depois me colocou com delicadeza no chão. Ela estava diferente, era difícil de explicar, mas parecia um anjo.

— Você imagina o que poderia ter acontecido caso eu não chegasse a tempo?

— Eu me espatifaria lá no chão e perderia minha festa.

— Não somente isso, Ana, você poderia ter morrido.

— Igual à vizinha da minha amiguinha Júlia, que foi morar com o Papai do céu?

— Sim, imagina como todos ficariam tristes? Seus pais não aguentariam, você é a alegria deles.

— Ninguém ia ligar, agora tem um bebê novo, e todo mundo só vai dar atenção para ele!

— De onde você tirou essa ideia? Um bebê é uma dádiva, você vai ganhar um irmão.

— Uma dádiva...

— Dádiva! — Dona Bina me corrigiu.

— Sim, essa palavra difícil aí que eu teria de dividir tudo, desde as minhas coisas até a atenção da minha família.

— Agora entendi tudo, estava imaginando o motivo de você estar pendurada no telhado com um estilingue nas mãos.

— Eu ia acertar as contas com a enxerida da cegonha, para ela não entregar nenhum bebê chorão para meus pais.

— Ana, minha querida. — Ela se aproximou e me colocou no seu colo, fiquei tão calminha! Na minha mente, começaram a passar imagens de um monte de bebês fofinhos rindo, um deles fez gracinha para mim, outros me chamaram para brincar.

— Ter um irmão é ter, sim, alguém para dividir as coisas, mas não só isso, é ter uma companhia para todas as horas, alguém para brincar ou para te fazer rir, ou sorrir para você. É saber que nunca mais estará sozinha no mundo, pois, aconteça o que acontecer, uma dor ou até mesmo uma tristeza muito grande, terá um laço de união para sempre com outro ser que te amará incondicionalmente.

— Parecido com um amigo? — perguntei mais tranquila.

— Sim, como um amigo que tem o mesmo sangue, mora na mesma casa e estará sempre ali, do seu lado.

— Falando assim, parece até bonito, mas se meu papai e minha mamãe

não derem mais atenção para mim, ou se gostarem mais do bebê do que de mim?

— Impossível, Ana, coração de pai e mãe é gigante, cabem todos os filhos dentro dele. Alguma vez já duvidou desse amor?

— Nunquinha, tenho os melhores pais do mundo!

— Então não há o que temer, seu irmão ou irmã será uma dádiva em sua vida. Acredita em mim?

Balancei a cabeça, concordando com uma alegria grande dentro do coração. Já até conseguia me imaginar brincando com um bebê super fofo.

— Será que meus papais vão me deixar escolher o nome?

— Claro, por que não? Em quais nomes você pensou?

— Hum... Se for menina, pode ser Barbie, Masha ou Dory. E se for menino, pode ser Nemo ou Spider! Não seria maneiro?

— Acho melhor deixar seus pais escolherem, a criança com um nome desses seria confundida com seus desenhos animados. — Ela deu uma gargalhada da minha resposta. Eu, hein? Achava esses nomes bonitos mesmo.

— Não quero que a senhora vá embora, vou sentir sua falta.

— Lembra que eu tenho um chefe muito poderoso que está precisando da minha ajuda?

Balancei a cabeça concordando.

— Então... Vou continuar meu trabalho com ele, mas saiba que pude aprender muitas coisas ao seu lado. Estarei longe dos seus olhos, mas sempre pertinho do seu coração!

Ganhei outro abraço bem gostoso, retribui com um beijinho na mão da dona Bina, me sentindo muito feliz!

— Vamos, Ana, hoje é a sua festa de sete anos, está ficando uma mocinha linda e inteligente que nunca mais vai aprontar, promete?

— Prometo! — respondi. Mas estava com os dedos cruzados nas costas. Não contem para ninguém, tá?

A vida é uma batata.

CAPÍTULO 13

Voltei para a festa com a dona Bina, toda feliz e imaginando como seria meu irmãozinho ou irmãzinha. Ela ria achando graça dos nomes que eu escolhia, nem sei por que uma criança não podia ter o nome de nosso personagem de desenho animado preferido. Eu gostaria de chamar me Masha ou Dory, apesar de amar meu nome, que era igual aos de minhas vovós queridas.

— Ana, onde você estava? Seus amiguinhos estão chegando e te procurando.

Corri para o colo de minha mãe, dei um abraço bem gostoso nela, que retribuiu se agachando para ficar da minha altura e falando baixinho para mim.

— Minha menina linda, eu te amo tanto! Quando você chegou em minha vida, me encheu de alegria e me fez querer ser uma pessoa melhor, nunca se esqueça disso!

— Eu também te amo um montão, você é a melhor mamãe do mundo — respondi e dei outro abraço gostoso na mamusca; eu poderia ficar nele para sempre!

— *Mi* carinhos, também quero um abraço dos meus primeiros amores.
— Ouvi a voz bonita do papito se aproximando.

Papai se agachou também, com os braços abertos esperando por nós. Corremos para abraçá-lo, as duas juntas, fazendo com que ele se estatelasse no chão, com nós duas em cima dele. Ele ficou lá caído, morrendo de rir.

— Ah, senhor, obrigada por me dar duas maluquinhas! Maluquinha mãe e maluquinha filha, que tristeza seria minha vida sem elas! — Todos na festa começaram a rir enquanto estávamos caídos, abraçados no chão.

— Posso interromper o momento família feliz no chão para apresentar seu novo primo, Ana? — Foi tio Rick quem nos chamou com um menininho do meu tamanho se escondendo atrás das pernas dele.

Levantamos e o tio Rick nos apresentou a um menino bem tímido, magrinho, com a cor do chocolate e com os cabelos enroladinhos.

— Esse é o Luiz. Ele será o novo membro de nossa família, meu filho. Entrei com o processo de adoção dele e estamos no período de adaptação. Diga olá para seus novos amigos. — Tio Rick pediu de forma carinhosa, mas ele nada disse e continuou se escondendo atrás das pernas dele parecendo assustado.

— Tio Rick, a cegonha trouxe para você um menino grande? Como ela conseguiu carregar no bico tanto peso? — Todos na festa começaram a rir de minha pergunta. Ué? Eu fiquei com dó dela mesmo.

— Meu amorzinho, o Luiz nasceu bebezinho como todos nós, só que perdeu os papais dele quando tinha três anos, então morou todo esse tempo em um abrigo, esperando alguém para adotá-lo, até eu ir fazer um trabalho voluntário e conhecê-lo. Houve uma conexão muito forte entre nós, é difícil até de explicar. No mesmo dia, entrei com o pedido de adoção dele. Na época, ele tinha quase cinco anos. O processo está quase no final, ele tem seis anos agora. Estivemos nos conhecendo por todo esse tempo, e ele logo será, oficialmente, meu filho.

— Uau, tio Rick, que legal! Quer dizer, é triste ele ter perdido os pais, mas foi muito bom ele ter te encontrado. Se você é o tio mais legal do mundo, imagina como papai.

— Eu vou chorar desse jeito, estou super emocionado hoje, nunca imaginei que poderia ter minha família e me sentir tão realizado!

— Ah, tio Rick, o senhor não precisa de desculpa para chorar. E eu adorei meu novo priminho!

Todos novamente deram risadas de minha resposta e mamãe também completou:

— Você é uma das melhores pessoas que conheço, será um excelente

pai, Parabéns por esse ato de amor.

— Farei o possível para devolver a alegria para ele. — Tio Rick respondeu chorando de novo.

— Eu te ajudarei no que for preciso, e ai de alguém que ouse destratar meu netinho. E pare de chorar, seu bezerro desmamado! — Vovó Selma chegou dizendo com sua voz grossa, fazendo o Luiz se esconder ainda mais.

— Não sei se fico alegre ou preocupado com isso! — Tio Rick respondeu e já vi uma fumacinha sair da cabeça da vovó. Ela era a melhor vovó, mas era brava que só, e somente eu sabia o quanto ela era um amor e carinhosa com aqueles que amava. Resolvi chamar meu novo primo para brincar, antes que ele fizesse um buraco no chão para se enfiar.

— Oi, eu sou a Ana. Você quer brincar? — Luiz me observou ainda um pouco desconfiado, olhou para o tio Rick pedindo autorização, que balançou a cabeça concordando. Então ele pegou minha mão, que estava estendida esperando a dele, e me deu um sorriso tímido. Esse aniversário estava sendo o melhor de todos. Ganhei um irmão ou irmã e um primo no mesmo dia.

Só fiquei triste na hora que a dona Bina veio se despedir de mim.

— Menina Ana, já está na minha hora. — Que droga, a tal hora chegou e eu me esqueci de quebrar o relógio.

— A senhora não pode ficar? Eu não quero que você vá embora — respondi tentando segurar as lágrimas.

— Nem tudo na vida acontece da forma que queremos ou planejamos. Por isso devemos aproveitar e ser gratos por cada dia que ganhamos, levar no coração somente sentimentos bons e de gratidão. Eu adoraria ficar, mas tenho um trabalho importante a fazer.

Ela colocou em meu braço uma pulseira com um anjinho pendurado.

— Tenho uma nova missão pela frente, mas estarei sempre aqui e você no meu. — Ela apontou para nossos corações, me fazendo ficar bem tranquila. A tristeza sumiu, dando lugar a um sentimento bem quentinho dentro de mim. Retribui dando um abraço bem apertado nela, que murmurou: — Ah, então é assim que se sente o amor... Que sentimento mais nobre!

— A senhora nunca tinha sentido seu coração quentinho assim? — perguntei com dó dela.

— Não, sempre senti compaixão por todos, amor foi a primeira vez, desde que assumi esse trabalho tão importante.

— Então a senhora me ama como uma vovó?

— Amo, Ana, como uma vovó, e quero que se lembre para sempre de mim assim, porque onde eu estiver, até quando você acreditar não mais precisar, eu estarei olhando por ti.

Derramei uma lágrima de emoção, vovó Bina a secou carinhosamente e pediu para eu fechar meus olhos em uma oração, e assim eu fiz.

— Papai do céu, obrigada por ter me dado a melhor família do mundo. Cuida do meu papai e da minha mamãe, porque eles já cuidam muito bem de mim! Abençoe meu irmãozinho ou irmãzinha que está na barriga de minha mãe e, por favorzinho, que seja uma criança que não goste de brincar com minhas bonecas, mas, se for, me ajuda a achar um lugar bem difícil para esconder e ele não achar! Em nome do Senhor Jesus, amém!

Abri o olho bem devagar, já esperando levar uma bronca pelo meu pedido. Eu era uma menina mais boazinha agora, mas bonecas são bonecas, né?

Dona Bina não estava mais lá, deixando seu cheirinho de lavanda, parecia que tinha feito *pluft*. Olhei para o céu e vi um colorido diferente que me fez sentir aquele quentinho no coração de novo. Como eu era feliz, tinha tudo o que uma criança poderia querer.

Hummm... me lembrei de que ainda não tinha aberto meus presentes. Será que eu ganhei o kit de massinhas grandão? Minha mamusca falou que nunca mais ia comprar esse tipo de brinquedos para mim, só porque eu dei de comidinha para a gatinha do vizinho e coleí nos quadros da sala. Eu, hein?! Mas ainda bem que existiam as vovós. Eu pedi para as duas. Elas faziam tudo que os netos pediam, até viravam anjos da guarda para cuidar de nós.

Viu como eu sou esperta!

Eu descobri nessa minha breve historinha, que a vida é igual uma batata, as vezes quente, ou assada e pode até ser frita. Mas, que fica *mó* legal quando fica doce, mais doce que doce de batata doce!

Ouvi uma música ao fundo, vi meu papai e minha mamãe dançando coladinhos com o papito alisando a barriga da mamusca. O tio Rick rodopiava meu priminho Luiz, que sorria feliz, e todos os meus tios

dançavam com suas esposas e filhos. A lindona da tia Carmen segurava as mãos de minha vó Ana e do meu vovô José com um sorriso grande. A tia Mel, junto ao tio João, puxava o Thor para dançar. Ele já estava ficando adolescente e estava chato que só. Eu, hein?! Eu serei *mó* legal na adolescência. Até a vovó Selma se remexia como se tivesse em um concurso de dança. Viu só como eu tinha a família mais linda do mundo?

Agora me deixem ir balançar meu bumbunzinho com eles, porque a festa só está começando!

Quando cheguei, botei para quebrar, todos fizeram uma roda me deixando no meio, mandando ver no gingado. Papai e mamãe se juntaram a mim, unindo nossas mãos. Vi uma estrela bem forte no céu e senti de novo aquele quentinho no coração. Agradei por ser a criança mais feliz do mundo e cantei o refrão com todos.

Quando você precisar de mim

Lembra que eu estou bem aqui

Perto do sol pra quando você

Se lembrar de mim ¹

¹ Música *Para quando você se lembrar de mim*, composição de Márcio Túlio Marques Buzelin, Marcos Túlio de Oliveira Lara, Paulo Alexandre Amado Fonseca, Paulo Roberto Diniz Júnior, Rogério Oliveira de Oliveira, Wilson da Silveira Oliveira Filho – álbum *Pancadélico* (2015).

Epílogo

Ata de reunião/2018 – AADC

— **D**eclaro aberta a reunião anual do Conselho Administrativo AADC (Associação dos Anjos da Guarda e Denominações Celestiais) de número 47, do ano de 2018, no plano terrestre. Peço silêncio para a chamada e solicito encarecidamente que cada grupo se sente, levantando a mão ao ser chamado. Vamos começar.

— Arcanjos? Oh, raios! Eu falei para levantarem as mãos e não as asas! Vamos novamente. Arcanjos? Podem baixar os braços, se acomodem ao centro.

— Querubins? Isso, por favor, todos juntos sentados à direita.

— Serafins? Muito bem se acomodem à esquerda.

— Anjos Caídos irão acompanhar por vídeo-infer-conferência, pelos motivos óbvios de não poderem acompanhar de forma presencial.

Burburinhos...

— Em silêncio! Estou com uma enxaqueca terrível e preciso chegar a tempo para a reunião da Comissão Anual de Fechamento dos Assuntos Celestiais! Continuando... Estamos aqui hoje para discutir diretrizes para a recuperação de desviados, antes de serem considerados caídos. Recebemos duas petições, uma a favor e outra contra, por isso a necessidade desta convocação extraordinária. Ouviremos as colocações dos dois representantes e depois votaremos. Em silêncio! Com a palavra, o representante do grupo a favor, Arcanjo Miguel, pela ordem do sorteio, suas considerações.

— Boa tarde, meus companheiros. Pela confiança a mim depositada,

falo em nome daqueles que erraram por cobiçar um poder maior ou por experimentarem os sentimentos humanos e acabarem sendo enviados para compor o exército de caídos, sem a mínima chance de defesa, superlotando assim a equipe deles e deixando a nossa escassa. Proponho um número de infrações mínimas, a quantidade a ser votada, e, ao atingir essas infrações, uma reciclagem. Somente depois de passar por ela, se ainda assim continuarem sucumbindo aos pecados, serem expulsos. Quem nunca errou? Alguém aqui é capaz de nos julgar de forma isenta?

— Ah... você, arcanjo, só está falando isso porque está preocupado com a escassez da mão de obra para o plano terrestre!

Começa um novo murmúrio interrompido pelo Conselheiro Mestre.

— Ordem! Ordem! Não lhe foi dada a palavra ainda, Anjo representante dos caídos.

— E vocês, que só querem mais mão de obra para aquecer seus caldeirões! — É o arcanjo fazendo a réplica.

— Hahaha! Do jeito que anda a humanidade, os anjos estão preferindo nossos caldeirões a proteger um bando de seres humanos que só metem os pés pelas mãos, fazendo guerras, matando uns aos outros, se entregando à luxúria, isso sem mencionar os políticos. Semana passada teve até rebelião por superlotação nesse pavimento do inferno.

— Ah... isso é bem verdade, a humanidade não anda colaborando mesmo, por isso a necessidade tão grande dessa reciclagem, mais do que nunca, eles precisam de proteção.

— De que adianta a proteção de anjos rebeldes? Mande todos de uma vez para ficar conosco, não perca o tempo de vocês. Aliás, eles devem estar fugindo do som de suas harpas desafinadas.

Risos...

— Silêncio! Vocês estão transformando esta reunião em um palco de circo. Todos quietos a partir de agora, o único assunto a ser tratado será o da pauta, e quem desobedecer mandarei para compor os milhares corais de Natal que aparecem no final do ano na Terra! — O anjo conselheiro chefe ameaça, fazendo as vozes se levantarem em protesto.

— Vossa senhoria não pode fazer isso conosco, ninguém merece tal castigo! — Um dos anjos se opõe.

— Posso e farei, consulte nosso Manual de Condutas e Punições e verá, inclusive, que posso puni-los enviando-os também para compor os cenários de presépios!

Os anjos se assustam, enfim, se calando!

— Muito bem! Por favor, anjo representante do grupo a favor, continue.

— Meus amigos, como eu falava antes de ser interrompido, sem mais delongas, argumentava sobre o fato de a humanidade estar perdida e necessitando de apoio angelical. Eu já não consigo mais descansar sobre as nuvens de algodão para curtir um som celestial, pois meus ouvidos só captam as lamentações daqueles que não tiveram uma segunda chance para fazer diferente, arrependidos de seus atos e desejos. Em consequência disso, as pessoas na Terra estão perdendo a fé, causando sofrimento a si ou a outros por não terem ninguém para lhes segurar a mão estendida quando clamam por misericórdia. Hoje eu não rogo somente por nossos amigos anjos, mas também clamo pelos nossos irmãos humanos, que perderão a única coisa que ainda os move nos dias mais sombrios das provações terrenas: a esperança!

— Mas para isso é necessário que tanto os anjos como os humanos se arrependam e vendo o tamanho da fila para passar pelo Lago de Fogo, ninguém parece ter essa esperança aí — O representante dos anjos caídos, com a conexão já restabelecida, tenta plantar a desilusão.

— É porque seu coração foi tomado pela descrença, está há tanto tempo perdido que já não enxerga a capacidade de regeneração no próximo ou de cumprir o primeiro Mandamento de nosso Pai: “Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos”. Talvez, justamente por um dia não ter tido uma segunda chance ou suas preces atendidas. E ainda, para finalizar minhas argumentações utilizando o gancho de sua retórica, retorno a minha primeira pergunta: quem é o Único capaz de julgar a todos nós, que, mesmo os decepcionando, ainda continua nos amando?

— Ohhhhh! — Uma Comoção toma conta do ambiente, com todos falando ao mesmo tempo, defendendo ou sendo contra a recuperação dos anjos.

Ziiiziiiiiziii...

— Está vendo? É só começar a falar “Dele” que o sinal cai, morrem de medo de nosso Pai, são tão incrédulos que não conhecem a capacidade de

perdão do Criador — Um dos anjos diz.

— Fui eu quem desconectou o sinal com o representante dos caídos, até se restabelecer a ordem neste recinto! Estou atrasado com tantas interferências e depois da reunião ainda tenho a Confraternização Anual dos Conselheiros Seniores — O conselheiro mestre intercede.

— Está cheio de compromissos, hein?! — Um dos presentes alfineta, fazendo retornar o falatório.

Ouve-se um trovão seguido de outro barulho insistente:

“Trim! Trim! Trim!”

— Um momento, esqueci de desligar essa geringonça — O conselheiro diz irritado.

“Tã-rã, tã-rã-rã, tã-rã-rã... Tã-rã, tã-rã-rã, tã-rã-rã...”

— Alô? Mas que raios! Você sabe quanto custa uma ligação a cobrar intercelestial, Arcanjo Gabriel?

— Ma-ma-ma-mas é u-u-u-urgente!

— Oh, raios! É hoje que perco o último cometa para os anéis! Tente falar sem gaguejar, Anjo.

— E-e-eu a-a-cabei de saaaber.

Os anjos ficam inquietos

— Desliga, senão só sairemos amanhã daqui — Um dos presentes reclama.

— É por isso que não temos aumentos, gastam todos ouro e prata celestiais com essas tecnologias da Terra.

— Não era mais fácil acionar a telepatia? — Outro anjo diz.

— Quietos! Deixem que ele fale! Ou vou descontar cada segundo de todos!

— É quiqui aaaaacabbbei deeee saaaber quiqui a-aquela queeeebradora de aaasas está grávida!

— Ah, mas pelos raios! Você ligou para fazer uma fofoca que todos já sabemos, já existe uma petição em andamento para um novo anjo da guarda assim que a criança nascer, e pelas minhas contas, será em breve!

— Ma-ma-mais o probleema não é esse!

— E o que foi? Mandou mais um anjo para a reabilitação? Quero ver quem vai aceitar essa missão! — Um dos anjos arranca risadas de todos.

— Maaas é exatamente issssstto, naasceu! Eeeee e são gêêêmeos!

— Ohhhhh! — Os anjos voltam a se agitar.

— Oh, Senhor! Tenha piedade do pobre anjo que as guardará.

— Olha aí uma boa dica para a reciclagem dos anjos, o que sobreviver a cuidar de dois filhos daquela maluca estará salvo eternamente — Um dos presentes satiriza.

— Vocês não sabem o que dizem, essa menina tem um dos corações mais puros da humanidade. Ninguém acreditava nela por ser atrapalhada, e ela conseguiu provar para todos que é capaz de superar todas as adversidades da vida! Virou uma mulher, dona de si, empoderada, que ama e é amada, e é muito feliz. Vocês deveriam, em vez de acreditar em fofocas, a usarem como exemplo!

— Belas palavras, querubim Bina, essa menina é apaixonante, quem a conhece nunca mais a esquece. Se eu não fosse um anjo cupido, aceitaria de bom grado essa missão, pois ela já encontrou seu grande amor e já dei meu selo de eterno. Quem, em dias tão trevosos, seria beneficiado com tamanha bênção, se não fosse uma pessoa tão merecedora? — Ângelo, que estava presente em um canto despercebido, sai em defesa.

Todos os anjos ficam pensativos e quietos, por incrível que pareça.

De repente, ouve-se um trovão...

Era a chegada de um fax celestial, o anjo mensageiro se aproxima do conselheiro, dizendo ser urgente o conteúdo.

— Interrompemos nossa programação para uma solicitação urgente! Devido às crianças de Paloma Ayres terem se adiantado e ninguém ter acatado de bom grado o chamado para ser anjo da guarda, convoco entre os presentes, para início imediato. E por falta de mão de obra, este arcará com a proteção dos dois bebês meninos que acabaram de nascer. Quem se habilita?

Correria, empurra-empurra e até os anjos caídos se desconectaram, deixando o ambiente somente com Bina e Ângelo sentados calmamente observando as fugas desesperadas. Quando o conselheiro termina de

protocolar o pedido e levanta a cabeça, se deparando com as cadeiras vazias, diz desolado:

— Meu bom Pai! Vai começar tudo de novo!

Fim

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a cada leitor, aos parceiros e aos amigos que, através de suas palavras carinhosas e apoio, fizeram de um sonho de menina, algo inesquecível.

Table of Contents

[Ficha Catalográfica](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1: Filha de Peixe... peixinho é.](#)

[Capítulo 2: Estarei Aqui](#)

[Capítulo 3: Lar doce lar](#)

[Capítulo 4: Molho de Tomate](#)

[Capítulo 5: Velocidade Máxima](#)

[Capítulo 6: De anjo e louco todo mundo tem um pouco](#)

[Capítulo 7: Um olho no gato, outro no peixe](#)

[Capítulo 8: Eu voltei, agora, pra ficar...](#)

[Capítulo 9: Paloma Balboa](#)

[Capítulo 10: Água mole em pedra dura tanto bate até que fura](#)

[Capítulo 11: Continue a nada](#)

[Capítulo 12: Se você quer sorrir... é](#)

[Capítulo 13: A vida é uma batata.](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)